

Dimas Filgueiras

Coordenador técnico do Ceará Sporting Club

Sobre o soldado que sempre soube a hora de agir e o coração preto e branco que bate no peito

Saudação reveladora: o vigor do aperto de mão mostra um homem firme, seguro nas decisões. Um olhar mais atento ao pulso faz perceber a sutileza de um adereço que simboliza a paixão drástica: uma pulseira de plástico, dessas baratas, vendidas em porta de estádio, com motivos do tão querido alvinegro. Afinal, o que vem do coração não há três reais que pague! Três reais que hoje podem parecer pouco perto de tudo o que Dimas Filgueiras Filho já conquistou, mas cujo equivalente valia ouro nas mãos do menino peladeiro do carioca Morro de São Carlos.

Trabalho pesado: em função da pobreza, Dimas aprendeu ainda criança o significado da labuta. Mas os movimentos bruscos da pelota, responsável pela névoa alaranjada de areia na área limitada pelas quatro linhas improvisadas, sempre foi a tentação mais forte. O suor que lhe corria no rosto não era resultado apenas do esforço físico. Intrínseco a Dimas, a capacidade de raciocinar e saber como agir, sempre na hora certa.

Visão estratégica: ao lance mais fugaz de uma oportunidade, Dimas consegue abraçá-la, qual goleiro que se apodera da bola lançada no pênalti decisivo, melhor ainda, qual lateral que domina com os pés a redonda, como se fosse uma extensão do próprio corpo. Para além de aproveitar as chances que apareciam, Dimas aprendeu a construir as situações favoráveis para si. As pernas fortes foram uma demanda da vida, consequência das constantes subidas e descidas do morro, em busca de água; por que não usá-las, então, para ganhar a vida jogando futebol? Se as letras do grande astro do time não eram das mais satisfatórias, por que não se tornar um escrívão particular, galgando assim cada vez mais espaço nos jogos?

Mosca na sopa: saber se aproximar das pessoas certas é um dom de Dimas Filguei-

ras. A timidez é notória, mas o tino para fazer as amizades certas exigiu uma coragem que nunca faltou na essência do nosso entrevistado. O zumbido da mosca pode perturbar e desconcentrar. A vontade de exterminar o inseto pode exigir muito esforço, quase sempre em vão, já que consegue ser mais sagaz que os movimentos humanos. Mas se a sopa for para sapos, que mal a mosca pode fazer?

Coração nobre: surpreendentemente, resguarda gratidão por aquele que hoje é o maior rival. Ora, se não fosse pelo Fortaleza, Dimas provavelmente jamais teria jogado em terras alencarinhas e, conseqüentemente, não teria recebido o convite para tão amado time.

Preto no branco: desse jeito claro, direto, objetivo e verdadeiro é a grande paixão de toda uma vida. Pensando bem, paixão não! Paixão é um momento fervoroso, mas passageiro, efêmero como a chama de uma vela que deixa de existir tão logo seja atingida por uma brisa. O que existe entre Dimas e o Ceará Sporting Club é o enlace nupcial dos mais utópicos preceitos religiosos. Verdadeiro casamento, na alegria e na tristeza, na conquista e na frustração, na vitória e na derrota, de corpo, alma e, principalmente, coração. A união entre Dimas e o Ceará, nenhum homem separa; pelo menos não separou nos últimos quarenta anos.

Guerreiro alvinegro: a alcunha não é à toa. É o mérito concedido por uma das maiores torcidas do Estado em honra àquele que sempre esteve a postos tão logo o time precisasse, seja dentro de campo, no comando dos jogadores ou mesmo apenas na torcida. Ceará e Dimas Filgueiras são indissociáveis. Um não é sem o outro. E a torcida sabe disso. Sabe, reconhece e aplaude. É a glória do soldado cujo único regaço é o campo de grama, campo de areia, campo de batalha.

Equipe de Produção:

Mariana Freire
Pedro Vasconcelos

Texto de abertura:

Ranniery Melo

Participação:

Igor Gadelha
João Victor Melo Sales
Juliana Diógenes
Mariana Freire
Nayana Siebra
Pedro Vasconcelos
Raiana Carvalho
Ranniery Melo
Roberta Tavares

Fotografia:

Gleydson Moreira



Entrevista com Dimas Filgueiras Filho, dia 22 de setembro de 2011

Mariana – Dimas, vamos começar do começo. Como foi que o futebol surgiu na sua vida?

Dimas – Eu nasci no morro. No morro de São Carlos, no Rio de Janeiro (*comunidade localizada no bairro do Estácio, na Zona Norte da cidade*). Naquele período em que eu jogava pelada, o meu primo me apresentou a um diretor do Banco do Brasil, porque ele (*o primo*) trabalhava no Banco do Brasil. (*Eles*) me deram a oportunidade de ir treinar no Botafogo (*de Futebol e Regatas. Clube carioca fundado em 1894. O time de futebol, no entanto, surgiu apenas em 1904*).

Nessa época eu tinha de 14 pra 15 anos. Aí fui. Tive a felicidade de que nesse dia de treinamento eu fiz dois gols e ficaram comigo para fazer mais um período de adaptação. Me deram essa oportunidade e eu consegui, com ajuda realmente daquelas pessoas que faziam o Botafogo, que era o Marinho (*Rodrigues, ex-jogador e técnico*), que depois foi treinador, campeão pelo Ceará, em 1971. Tive a oportunidade de ser convocado para as Olimpíadas de Roma (*na Itália, em 1960*), não fui. Depois fui para as Olimpíadas de Tóquio (*no Japão, em 1964*), representei o Brasil no Pan-Americano também, em São Paulo (*em 1963*), e, com esse futebol, eu consegui conhecer 42 países. Nós viajavamos muito. Sempre digo a todo mundo que eu nasci no morro e tô aqui porque escorreguei.

A dificuldade foi grande, mas sabe muito bem que as pessoas de origem pobre, pra vencer na vida, têm de ter uma pitada de sorte. Não adianta você ser competente, tem de ter sorte também. E eu, graças a meu bom Deus, eu tive sorte porque esse meu primo se dava com o doutor Rivadávia Corrêa Meyer, que foi presidente do Botafogo (*entre os anos entre 1973 e 1975*) e, naquela época, era diretor do amador.

João Victor – Dimas, e antes do Botafogo, como era sua história com o futebol?

Dimas – Eram aquelas peladas... Você sabe que, quando você se destaca muito naquela competição de várzea, o pessoal sempre gosta de procurar pra jogar porque você é o que joga mais ou menos, tem alguma afinidade com a bola. Normal.

Raiana – Mas, nessa época, o que era o futebol pra você? Você já pensava em ser

esse profissional...

Dimas – (*interrompendo*) Não. Nunca pensei. Eu tinha uma visão – nós que nascemos de origem pobre –, a gente tem uma visão totalmente de sonhador, mas eu não sonhava com isso. Eu sonhava só em me formar algum dia pra seguir minha carreira normal. Não tinha nada pretendido de sonhar de ser jogador de futebol. Nunca passou na minha cabeça. Tive essa oportunidade e é o que digo a você: fui na bola como num prato de comida. Tive sorte. Você também tem de ter sorte pra vencer na vida.

Igor – Mas seus pais apoiavam esse caminho do futebol?

Dimas – Apoiaram porque, veja bem, como eu *tava* no morro e minha mãe trabalhava na Ducal, que era uma casa que fazia roupas, depois passou para a Casa Tavares, ela não tinha muita oportunidade de me dar muita assistência, e eu tinha dito a ela que a bola poderia, num espaço curto, (*fazer*) a gente ganhar alguma coisa, algum dinheiro. Então eu fui aí. E quando eu fui na bola, como eu disse a vocês anteriormente, eu fui como num prato de comida. Logo depois que eu fiz o contrato (*com o Botafogo*), ganhei o meu primeiro salário mínimo que fez com que, antes de eu ir pra Tóquio, eu comprasse o primeiro apartamento e dei para a minha mãe (*com a voz embargada*).

Pedro – Você falou que, na infância, houve dificuldade. Explica melhor como era esse dia a dia. Você chegou a trabalhar para ajudar a família?

Dimas – Trabalhava. Pra você ter uma ideia, no morro, eu trabalhava pra minha tia de babá. Cuidava dos meus sobrinhos (*primos*). Depois eu dei tudo a eles, né?! Carro, casa, aliás, apartamento. Eu comprei muito apartamento na época. Dei tudo a eles. Então era babá. Chegava do colégio e ia tomar conta dos meus sobrinhos (*primos*) pequenos. Tomava conta deles direto. Só que na hora de brincar, quem brincava era eu, eles não. Ficava com os brinquedos deles... (*risos da turma*).

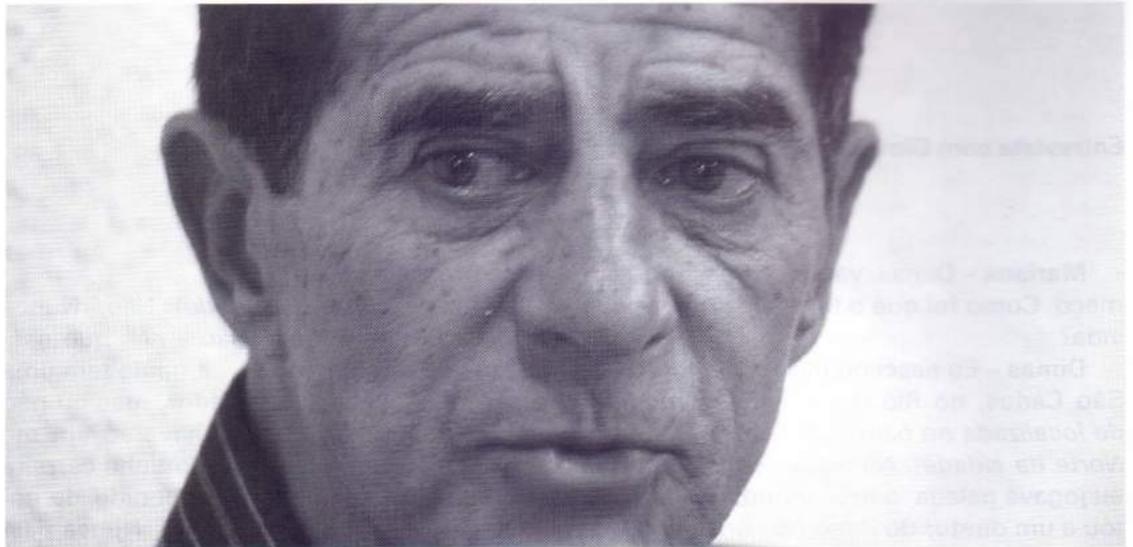
Juliana – Mas você fala da sua tia e dos seus primos. Como era a relação com a sua mãe, o seu pai, os seus irmãos?

Dimas – Melhor, impossível. Eu só tenho uma irmã. Sempre conversava com eles. Mas eu tinha de ajudar, né? Eu só não lavava

A indicação do nome de Dimas foi uma sugestão de Pedro, que, na divisão das duplas, acabou ficando na equipe de produção da entrevista com o ídolo do Ceará.

No dia da seleção dos entrevistados para a edição 27 da Revista Entrevista, Dimas foi bem votado em todas as fases da escolha. Mariana, que também fez parte da equipe de produção, revelou, depois, que votou no ex-jogador em todas as etapas.

A primeira tentativa de contato com Dimas foi feita por Mariana, que conseguiu o número do celular do entrevistado e ligou para ele, mas a ligação não foi atendida.



roupa, mas passar roupa eu passava. Fazia tudo.

Mariana – Você falou que foi levado para o Botafogo. Antes disso, você já tinha alguma relação com esse time ou foi por oportunidade?

Dimas – Oportunidade. Eu só jogava pelada na rua. Todo mundo achava que eu jogava muito e eu era sempre preferido pra jogar as peladas de final de semana, ou então durante o dia. Eu tinha de buscar água lá embaixo, porque não tinha água no morro, né? Eu tinha de ir buscar nessas (*latas*) de 20 quilos. Eu enchia d'água e trazia. Umas cinco por dia. Mas no meio do caminho eu ficava jogando bola. Apanhava. Então a minha tia fazia o seguinte: ela cuspi no chão. Se eu não voltasse num tempo hábil, apanhava. Todo dia eu sabia que ia apanhar mesmo, então... (*risos da turma*).

Nayana – Isso aí de certa forma ajudou no futebol, né? A desenvolver.

Dimas – Ajudou! E até as latas d'água na cabeça reforçaram as pernas. Você ia fazendo aquele reforço na perna. Então quando eu cheguei já no Ceará (*Sporting Club. Fundado em 2 de julho de 1914*), eu tinha umas pernas grossas de tanto subir e descer o morro.

Roberta – Dimas, você declarou ao Jornal *O Povo*, nas Páginas Azuis, publicadas no dia primeiro de agosto, que chegou a ser amigo de uma figura lendária que foi o Madame Satã (*o pernambucano João Francisco dos Santos, o Madame Satã, foi um personagem mítico dos subúrbios cariocas do século XX. Era considerado um componente da velha malandragem do Rio de Janeiro, dono de uma rotina agitada. Durante a vida, se envolveu em 29 processos criminais*). Como foi que começou essa amizade?

Dimas – Veja bem, eu morava na Rua

Afonso Cavalcanti, 158. Eu morava a uma quadra do baixo meretrício do Rio de Janeiro, onde vivia Madame Satã, que era um negão de 1 metro e 90. Certo? E como eu jogava no final de semana por eles, pelo time deles, o Canadá, então teve essa afinidade. Ele me teve como um filho. Era um *viado* de 1 metro e 90. Agora ninguém podia tocar em mim, falar mal de mim. No jogo, ninguém podia bater em mim porque ele tomava as dores. Então foi uma pessoa que me ajudou em tudo. Ele que me dava o dinheiro do transporte pra ir pro Botafogo. Você pra ir pro Botafogo pagava dois bondes.

João Victor – A que você atribui essa afeição do Madame Satã por você na época?

Dimas – É porque, normalmente, eu era o ídolo do pessoal porque todo mundo achava que eu jogava bola, eu era uma pessoa que todo mundo reconhecia. Então ele também se apegou a uma pessoa que era tida como ídolo naquela redondeza.

Pedro – Sobre o que vocês conversavam? Você o considerava um amigo?

Dimas – Amigo. Amigo. Mas era amigo mesmo, né? Aquelas pessoas que me tinham como filho. Então o tratamento era 10. Coisa que eu não recebia em casa ele me ajudava. Às vezes tinha de comprar chuteira, comprar alguma coisa, ele bancava pra mim *tudinho*. Era uma pessoa que foi de uma importância muito grande no meu início de vida como jogador.

Ranniery – Ele chegou a brigar com alguém por sua causa?

Dimas – Mas quem é que vai brigar com um *negão* de 1 metro e 90? (*risos da turma*) Tá louco? O termo que a gente usa na gíria é "só dava *sugesta*", né? Todo mundo da redondeza do Estácio sabia que ele me tinha como filho, então ninguém chegava. Pra vocês terem uma idéia como era a situação,

No dia seguinte, foi a vez de Pedro tentar falar com Dimas. No primeiro telefonema, ele atendeu, mas, ao som de "alô, por favor, o Dimas?", desligou. Pedro tentou ligar outras duas vezes no mesmo dia, mas o entrevistado não atendeu.

eu jogava, no Vila Isabel, futebol de salão. E o futebol de salão termina muito tarde. Eu chegava ali, naquele local onde eu morava, às vezes duas horas da manhã. Como eu era da redondeza, e todo mundo me conhecia, eu não tinha medo.

Num dia desses, eu cheguei uma e meia da manhã e teve uma pessoa nova naquele setor que veio e quis tomar o pouco dinheiro que eu tinha. Tomar um relógio. E quem tinha me dado esse relógio era ele (*Madame Satã*). Um relógio de fundo preto, com um São Jorge, coisa dele, né? Ele (*o assaltante*) levou. E eu falei: "Você não é daqui de perto. Eu sou daqui, eu moro aqui do lado". "Não, não, passe tudo se não eu vou cortar teu dedo". Eu falei: "Mas você quer o anel ou o relógio?". "Não, eu quero o relógio. Ah, você tem um anel?" Então levou o anel também (*risos da turma*). No outro dia, eu louco pra chegar logo pra eu ir lá no Canadá, no campo, pra avisar a ele (*Madame Satã*): "Ó, o fulano novo aí me tomou as coisas". Eu fui embora, chorei, chorei e fiquei calado.

No outro dia de manhã, oito horas eu tinha meu jogo lá no Canadá. Eu fui lá. Quem eu vejo na roda deles? (*dos jogadores*) Esse camarada. (*aquele que o havia roubado*) Puxando ali, o cigarro deles. Esse camarada já se levantou e falou: "Que é que você tá querendo aqui, moleque?". "Você tá falando com quem?", o Madame Satã (*perguntou*). "Não, tô falando com esse aí (*referindo-se a Dimas*). "Rapaz, eu tenho ele como meu filho. O que você fez com ele?". Fomos lá no hotel em que ele estava, pegou tudo que era meu, tudinho... E eu falei pra ele (*Madame Satã*): "Olha, do jeito que vai, meu filho, ele vai me pegar na esquina". "Ele não vai pegar mais ninguém!". Então você vê a afinidade que ele tinha comigo.

Igor – E essa amizade depois que você

veio para o Ceará...

Dimas – Continuou, mas ele morreu. Eu fui lá no enterro. Ele foi preso, certo? Ele ficou lá, e eu fui visitar... Depois, mataram ele na prisão.

Roberta – O que você mais aprendeu com ele?

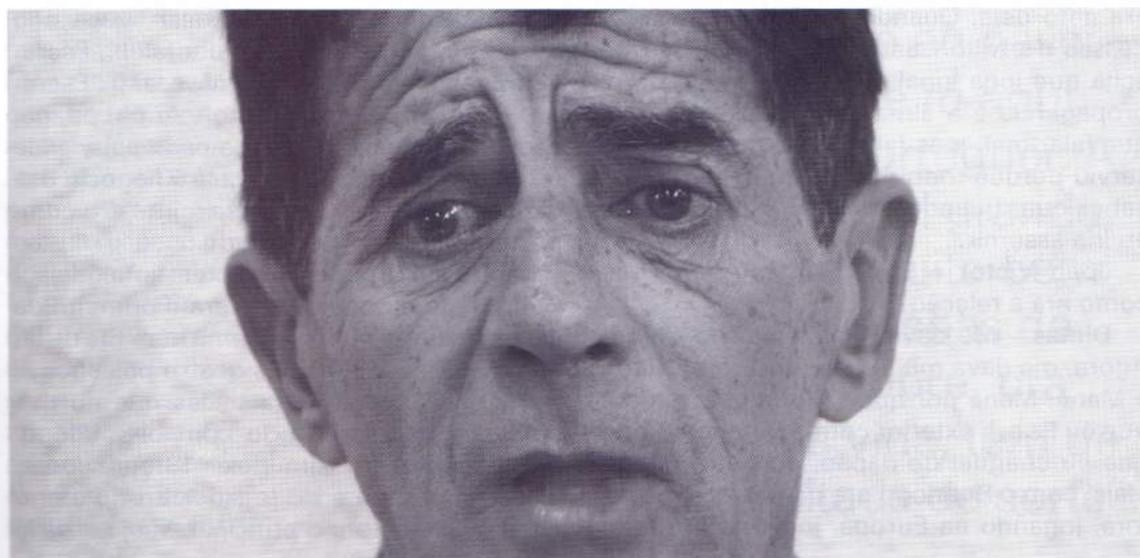
Dimas – (*silêncio*) A vida todo dia nos ensina alguma coisa. A inteligência tem de saber discernir o que é bom e o que é ruim. Eu, na minha vida, aprendi e continuo aprendendo. Todo dia a gente vê o que é bom e guarda na bagagem conhecimento. Então foi uma passagem (*referindo-se à amizade com Madame Satã*) em que eu aprendi a lealdade. Lealdade é uma coisa que não se adquire com o tempo, e ele era uma pessoa leal, como eu sou com o próprio Ceará.

Ranniery – Você disse que era um ídolo lá da região em que você morava. Na infância, quais eram seus ídolos no futebol, principalmente?

Dimas – Rapaz, pra você ter uma ideia, no início da minha vida, eu torcia pelo Vasco (*Clube de Regatas Vasco da Gama. Fundado em 21 de agosto de 1898 no Rio de Janeiro*) e ali tinha o Ademir. Ademir era o melhor jogador do Vasco. Ademir e Ipojucã que faziam parte da linha do Vasco, na época. Pinga, Ademir, Ipojucã, Augusto, Ely, várias pessoas...

(*Nota da edição: Dimas se refere, nesta resposta, aos jogadores Ademir Marques de Menezes, o Queixada, que atuava como atacante. Jogou pelo Vasco da Gama em duas oportunidades: entre 1942 e 1945 e entre 1948 e 1956 e faleceu em 1996; Ipojucã Lins de Araújo, meia-armador, faleceu em 1978; Pinga José Lázaro Robles, ex-atacante, faleceu em 1996; Augusto da Costa, ex-zagueiro, faleceu em 2004; Ely do Amparo, ex-meia-direita, faleceu em 1991.*)

O contato só foi estabelecido no terceiro dia de tentativas. Mariana ligou para Dimas, explicou o projeto da Revista Entrevista e marcou com ele um momento para entregar alguns exemplares antigos e detalhar mais a entrevista.



Dimas foi bastante receptivo e marcou a conversa com a equipe de produção no dia seguinte na sede do Ceará SC, que fica na Avenida João Pessoa, no bairro de Porangabussu, em Fortaleza.

Dimas chegou ao Ceará Sporting Club, como jogador, em novembro de 1972, depois de ter atuado, profissionalmente, pelo Botafogo e pelo Fortaleza. Após encerrar a carreira como jogador, Dimas assumiu, imediatamente, a função de supervisor de futebol.

Mariana – E como foi pra um vascaíno ir jogar no Botafogo?

Dimas – Rapaz, você sabe que tem um ditado que diz: “Quando você recebe alguma coisa, você não pode escolher”, né? Mas eu treinei no Vasco! Eu estudei num colégio chamado Pio Americano, do Rio de Janeiro, que era ali em São Cristóvão (*bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro*) e era bem pertinho do Vasco, na mesma rua. Eu treinei no infantil do Vasco, mas houve essa proposta do Botafogo aí eu fui embora. Eu estava treinando no infantil, mas só que eu não tinha dinheiro pra ir toda hora.

João Victor – Já quando você estava jogando no Botafogo, você conviveu com grandes ídolos...

Dimas – (*interrompendo*) Quatro anos com Mané Garrincha (*nome popular de Manuel dos Santos. O ponta-direita foi um dos maiores jogadores da história do Botafogo, onde jogou entre 1953 e 1965, e da Seleção Brasileira, com a qual foi campeão da Copa do Mundo de Futebol em 1958 e 1962.*)

João Victor – Garrincha e também Nilton Santos (*considerado um dos melhores laterais-esquerdos da história do futebol brasileiro. Durante a carreira, o ex-jogador atuou pelo Botafogo, em 723 partidas, e pela Seleção Brasileira, em 84 jogos.*)...

Dimas – (*interrompendo*) Eu convivi com Nilton Santos, Mané (*Garrincha*), Zagallo (*Mário Jorge Lobo Zagallo. Ex-ponta-esquerda*), Didi (*Waldir Pereira. Ex-meio-campista. Faleceu em 2001*), Jairzinho (*Jair Ventura Filho. Ex-atacante*) subi comigo do juvenil.

João Victor – Especificamente em relação ao Nilton Santos, a gente pesquisou que você era considerado como que um neto dele porque ele já estava no final de carreira. Como era a sua relação com ele?

Dimas – Você sabe que isso foi, pra mim, importante porque eu jogava na posição que o Nilton jogava, e diziam que eu era neto dele. Quando você diz uma coisa dessas do Nilton Santos, o neto, a pessoa acha que joga igual a ele. Pra mim é bom, propaganda é a alma no negócio. Se tiver que falar mal, mas fale! Então aquilo ali me serviu porque todo mundo começou a perceber que, quando o Nilton Santos sáisse, eu iria assumir.

João Victor – E afetivamente com ele, como era a relação?

Dimas – Me dava demais com o Nilton! Agora, me dava muito bem era (*com*) Nilton e Mané. Mané por quê? A primeira viagem que eu fiz pro exterior com o Botafogo, logo que eu cheguei do Japão, no outro dia eu viajei com o Botafogo pra passar três meses fora, jogando na Europa, jogando em todo



canto. E um dia eu entrei lá pra falar com o Mané, e o Mané nessa época dormia com o Joel, lateral-direito, que depois foi também treinador aqui do Ceará, que eu trouxe. Eu vi que o Mané estava pedindo ao Joel pra escrever carta. Cheio de mulher, né, o Mané?! Nessa época, a Elza (*Soares. Cantora e compositora carioca. Elza e Garrincha mantiveram um relacionamento por 16 anos, de 1962 a 1978*) ainda não tinha aparecido ainda não. A Elza tinha uma afinidade muito grande comigo.

O que é que aconteceu. Eu falei: “Mané, que é que você tá querendo?”. Eu não chamava de Mané, eu chamava de torto. Ele me chamava de *mosca de boi*, porque eu era muito chato, sabe? “Mosca, você não quer escrever uma carta?” Eu falei: “Escrevo, rapaz”. “Você escreve, Mosca?”. “Escrevo, pode vir aqui no quarto”. Aí pa, pa, pa, escrevi. A gente chegava a cada país, e ele dizia: “Dimas, você compra lá o negócio das cartas pra você escrever pra mim?” Eu comprava postal, comprava tudo...

A tal ponto, pra você ter uma ideia... Toda viagem que tinha eu era o primeiro da lista, não tinha nem problema não. Ele dizia: “Olha, o Mosca joga nas quatro posições aí atrás”. Foi uma das alavancas que eu tive pra viajar o tempo todo com o Botafogo. Era difícil! Só podiam viajar 18 (*jogadores*) e tinha um monte de jogador no Botafogo na época, e eu era o principal. Ele já dizia lá

Munidos de cinco edições antigas da Revista Entrevista, a produção foi até o Ceará para ter o primeiro contato pessoal com Dimas. Era uma quinta-feira, dia de aula de Laboratório de Jornalismo Impresso.

pro treinador: "O Dimas tem que ir." Pronto, bastava isso. A tal ponto que a minha irmã escrevia muito bem, e eu mandava ela escrever umas 20 cartas. Ela ia escrevendo e eu só mudava o nome da pessoa. Ele gostava, adorava as cartas, ele lia e falava assim: "Você escreve bem demais". *(risos da turma)* Era minha irmã que escrevia.

Mas essa vida é assim mesmo. Folclore mesmo. Ela (*a Elza*) era espírita e eu também, quando eu comecei, eu era espírita. Essa atividade me aproximou muito do Mané e da Elza. E nós íamos para o centro espírita todo dia. A gente saía durante a semana, porque os jogos eram aos domingos, não tinha jogo no meio de semana, a gente ia na semana pra ver se o Mané estava com aquele problema no joelho, né? *(Garrincha conviveu, durante a carreira, com sérios problemas nos joelhos, entre eles uma artrose)*. Foi um tempo que vale a pena recordar.

Raiana – E o que as viagens proporcionaram em termo de experiência? Quando você ia viajar, as experiências que você viveu eram só através do jogo, do campo, ou você chegou a conhecer outros lugares? No que é que isso afetou na sua vida?

Dimas – Veja bem. Quando nós chegávamos, eu era uma pessoa diferente. Na época das Olimpíadas, eu aproveitei muito. Eu conheci o Japão, né? Eu ia pra todo canto. Eu tinha o cartão das Olimpíadas e não pagava o metrô. Com o metrô, você ia pra Tóquio todinha. Eu aproveitava. Eu e mais uns três jogadores. Tinha o Roberto (*Lopes Miranda, ex-centroavante*), que era do Botafogo, tinha o Mura (*Maurício Pereira Barros. Ex-zagueiro*) também, que era do Botafogo, o Othon (*Othon Valentim Filho. Ex-atacante*). Nós juntávamos nossa patota (*grupo*) e íamos fazer compras, pra todo canto, porque eu ainda arranho inglês até hoje. Nos outros (*países*) não dava muito tempo. No Botafogo você chegava num dia, já no outro dia tinha jogo, daqui a três dias já tinha jogo em outro país. A gente não passava muito tempo. No México, passávamos. O México eu conheço quase todo, porque nós parávamos no México e jogávamos ali em todo canto.

Pedro – Dimas, você falou que os dois primeiros treinos foram suficientes para firmar um espaço lá no Botafogo. Você lembra do primeiro treino no Botafogo?

Dimas – Pra mim, queira ou não queira, quando a gente vai para um centro desses a gente fica com vergonha. Apesar de eu ser uma pessoa nascida no morro e acostumada a lidar com problema, e foi graças a isso que eu consegui treinar... Quando eu cheguei no Botafogo, tinha uma rampa pro vestiário, o vestiário ficava embaixo, cheio

de jogadores que iam treinar. Eu cheguei na porta aqui e perguntei lá ao roupeiro, de longe, o Otacílio, me lembro como se fosse hoje: "*Seu Roupeiro, o senhor pode me emprestar uma chuteira?*". "Primeiro venha aqui, garoto". Lá fui eu já envergonhado. Todo mundo me olhando. "Que foi?". "Eu preciso de uma chuteira". "Ah, rapaz, você não traz chuteira pra treinar não, é? Então não vai treinar não. Aqui tem de trazer chuteira, rapaz". E eu: "Sim, senhor, sim, senhor". Desci, todo mundo olhando pra mim, fui embora.

Quando eu passei, falaram: "Rivinha". Rivinha era o diretor que tinha mandado eu ir lá, que é o diretor juvenil. Eu falei: "*Seu Rivinha, eu sou aquela pessoa que o meu primo mandou pro senhor*". "Ah, o Marcos mandou foi você, é?". "Mas o roupeiro lá falou que não dá não, não trouxe chuteira". "O quê?! Você falou que veio a mando de mim?". "Falei que o senhor que tinha mandado". "Então venha aqui". Chegamos (*e o diretor disse*): "Otacílio, eu mandei ele mudar a roupa aí, rapaz. Você é funcionário. Trate de dar roupa a ele e chuteira". Eu pensei: "Tô morto, o cara brigou com o roupeiro" (*risos da turma*). Eu fui lá e ele (*o roupeiro*) olhando pra minha cara... Eu peguei minhas coisas e nem olhei pra ele (*para o roupeiro*). Depois eu tive sucesso lá dentro porque eu fiz os dois gols. Mandaram eu voltar no outro dia e eu fui bem também.

Mariana – Você já falou bastante das dificuldades que você tinha quando era mais jovem. Como foi pra você, então, ter esse contrato com o Botafogo, que era um dos maiores times do Brasil na época e até hoje é?

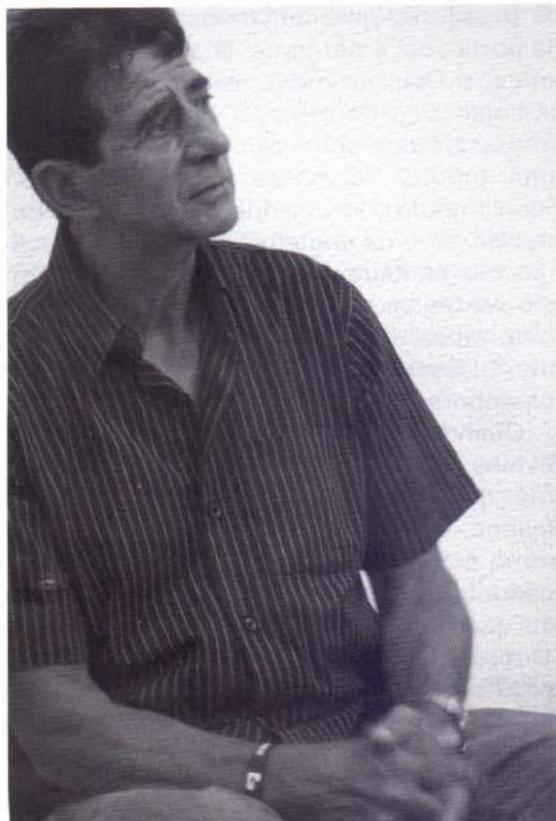
Dimas – Eu sempre digo: saí da água pra vir pro vinho, pô. Se não, *taria* até hoje lá

"Sempre digo a todo mundo que eu nasci no morro e tô aqui porque escorreguei. A dificuldade foi grande, mas sabe muito bem que as pessoas de origem pobre, pra vencer na vida, têm de ter uma pitada de sorte".

Durante a aula, foi proposto que a produção perguntasse a Dimas se ele poderia ser o primeiro entrevistado do projeto, no dia 22 de setembro. Às 4 da tarde, Mariana e Pedro chegaram ao Ceará.

Na entrada da sede, a produção conversou com um funcionário do clube que prometeu que chamaria Dimas para falar com Pedro e Mariana. Enquanto isso, os dois ficaram assistindo ao treino do time.

Mais de 15 minutos depois e nada de Dimas. Preocupada com a demora, Mariana ligou para o entrevistado, que pediu para a produção encontrá-lo na loja do clube. Já no local certo, o ex-jogador do Ceará puxou três cadeiras e atendeu a equipe.



“Fui na bola como num prato de comida. Tive sorte. Você também tem de ter sorte pra vencer na vida”.

(no morro de São Carlos). Foi tudo pra mim. Foi tudo! Eu, através do futebol, consegui ajudar minha família *todinha*, não só me ajudar, mas ajudar a família, porque eu acho que o importante é a família.

Ranniery – Você tinha consciência, Dimas, de que estava jogando na melhor época do Botafogo?

Dimas – Ah... (*rindo*) Rapaz, pra você ter uma idéia, a Seleção Brasileira era formada por Santos (*Futebol Clube. Fundado em 14 de abril de 1912, na cidade de Santos, em São Paulo*) e Botafogo. Aqui no Botafogo, jogavam Mané Garrinha, Manga (*Alton Corrêa Arruda. Ex-goleiro*), Didi, Zagallo, Nilton Santos, Amarildo (*Tavares da Silveira. Ex-meia-esquerda*). Lá no Santos, existia Pelé, Pepe (*José Macia. Ex-ponta-esquerda*), Gylmar (*dos Santos Neves. Ex-goleiro*)... E eu me dava muito com o Pelé (*Edson Arantes do Nascimento, o Pelé*). Eu que marcava ele na época...

Em dez minutos de conversa, o celular de Dimas tocou quatro vezes. Na quarta vez, ele disse, meio aborrecido: “Isso nunca para”. Dimas revelou ainda que acabara de ganhar o aparelho e não sabia executar bem todas as funções.

Eu joguei contra o Pelé umas 13, 14 vezes, e eu tinha uma intimidade com ele porque, nas viagens Botafogo e Santos, nós íamos sempre para os mesmos hotéis. E o que é que eu fazia? Depois que eu peguei afinidade com o Mané, dormia no quarto de Mané, o Pelé vinha conversar, trocar idéia, tudo... Ao ponto de eu usar os dois. Eu falava: “Olha, rapaz, eu fui ali, o pessoal vendendo umas camisas”... No Chile, né? Primeira vez no Chile. “O pessoal falou que se eu levar vocês dois pra tirar uma fotografia em frente à coisa (*à loja*) eu ganho umas coisas lá. Você sabe que eu sou pobre coitado, eu *tô* precisando de ajuda” (*risos da turma*). O Pelé falou: “Garoto, você não é bobo não”. Eu falei: “Não, não, Pelé. Não sou bobo não. E você, Pelé, você sabe que se jogar contra o Botafogo quem vai marcar você sou eu, não é o Nilton Santos, não! Então você tem de me ajudar. Como é que eu vou dar pancada em você sabendo que você está me ajudando aqui fora?”. “Você é vivo mesmo!”. Fomos na primeira (*loja*). Ganhamos coisa, rapaz! Só pra tirar duas fotografias. Eles tiraram a fotografia, e eu na frente da loja, querendo fazer marketing deles. Daí, toda vez que cruzava Botafogo e Santos (*em viagens*) eu levava eles pra loja (*risos da turma*). (*As viagens conjuntas de Botafogo e Santos aconteciam por serem os dois melhores times brasileiros, e a base da Seleção. A partir daí, surgiram muitos convites para jogos no exterior entre os dois times*).

João Victor – Muito do seu sucesso você acaba atribuindo a uma série de oportunidades que você aproveitou. Mas em relação, especificamente, a seu talento dentro de campo, o que as pessoas falavam?

Dimas – É verdade que, naquela época, (*eu*) não era jogador feito. Hoje, você tem a escolinha do Ceará aqui, que tem 400 meninos inscritos e 200 esperando vaga. Então você prepara o atleta, que vai na escolinha aperfeiçoar o potencial dele. Lá não, nós tínhamos de trazer tudo do berço e adaptar. Eu tinha alguma qualidade, se eu não tivesse eu não tinha conseguido vencer com dois treinos. Eu acho que, se por acaso, eu tivesse uma escolinha na época, tivesse aprimorado mais ainda, eu seria melhor jogador do que fui.

João Victor – Eu queria que você falasse um pouco sobre essa fama que você tinha de ser um pouco agressivo na época em que era jogador.

Dimas – Ah, você soube, é? (*risos da turma*) Eu dava pancada. Comigo é assim, comigo não tem negócio de amizade aqui dentro do campo não. Mentira! Eles ficavam com medo de mim porque eu dava mesmo.

Não tinha cartão amarelo, não tinha (*cartão*) vermelho, era só expulsão. Expulsar um jogador do Botafogo é mais difícil. O Botafogo era o Botafogo!

Raiana – O futebol, você acha que é um esporte agressivo...

Dimas – (*interrompendo*) Não, não...

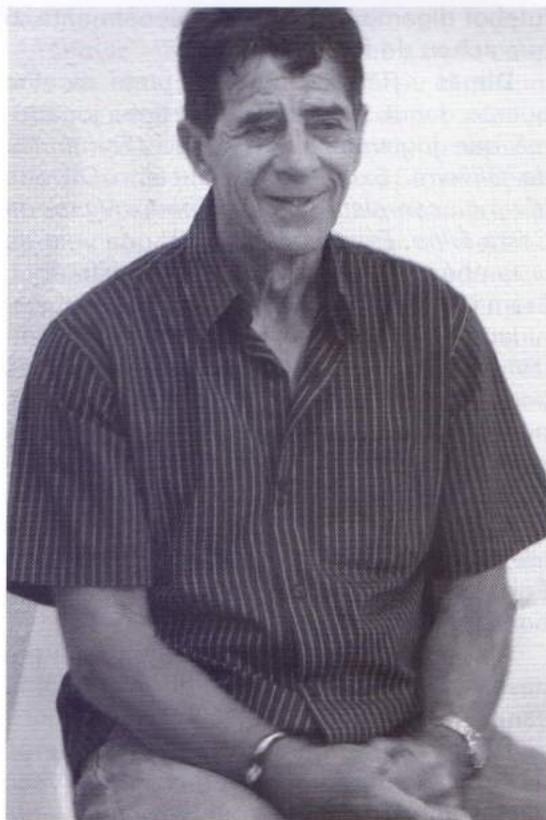
Raiana – Eu ia perguntar que sensações acometem um jogador quando ele está no meio de campo. É o calor do momento, é a vontade de ganhar... O que acontece lá dentro?

Dimas – Rapaz, você tá sempre jogando, você vira uma máquina. Uma máquina que sabe que dentro do campo tem de prestar atenção em tudo e tem de fazer o seu papel, tem de desempenhar sua função. Se você não desempenhar sua função, o outro vai desempenhar e você vai pra reserva. O Mané Garrincha, que vivia comigo, ele foi para o Corinthians (*Sport Club Corinthians Paulista. Fundado em 1º de setembro de 1910, em São Paulo*). Primeiro jogo Botafogo e Corinthians todo mundo falava disso, a imprensa toda comentava qual seria o meu relacionamento com o Mané... O Mané do outro lado e eu desse. E todo mundo sabia da afinidade que nós tínhamos. Antes de começar o jogo, o Mané veio e falou: “Ó, Mosca, faz o teu futebol aí, que você tá começando agora e eu tô parando”. Ele compreendeu. Eu não dei (*pancada*) no Mané. Não dei. Marquei duro, mas não dei pancada, até porque seria uma covardia com uma pessoa que me ajudou muito. Acho que uma das maiores virtudes do ser humano é ser grato às pessoas.

Roberta – Dimas, como foi o fim da era Botafogo?

Dimas – A gente tem de saber o momento de sair. Já tinha saído todo mundo do Bo-

“Eu jogava na posição que o Nilton jogava, e diziam que eu era neto dele. Quando você diz uma coisa dessas do Nilton Santos, o neto, a pessoa acha que joga igual a ele”.



tafogo, e eu tive a oportunidade de ganhar mais dinheiro aqui. Conheci o Castillo (*Carlos José Castillo*), que foi goleiro do Fluminense e era treinador do Fortaleza (*Esporte Clube. Fundado em 18 de outubro de 1918*). Eu estava num momento difícil. E ele falou: “Dimas, não quer passar umas férias lá no (*Estado do*) Ceará não? Passa três meses jogando lá, você ganha um troco. Eu consigo o teu empréstimo”. Eu vim embora pra cá pra passar os três meses e estou aqui até hoje.

Juliana – Você veio jogar no Fortaleza...

Dimas – Fortaleza. Um ano e três meses.

Juliana – Como é que foi esse primeiro ano?

Dimas – Foi bom demais! Eu era o capitão do time, era o dono do time. Fazia tudo. A passagem lá foi ótima como jogador também. Ótima mesmo! Posso reclamar não.

Raiana – Qual a primeira impressão que você teve quando chegou aqui na cidade?

Dimas – Eu cheguei aqui no final de 1971 (*na verdade, Dimas chegou em julho de 1971*). Eu tinha passado aqui em 1966 jogando pelo Botafogo. Vim aqui, fizemos um treino lá com o Ferrim (*Ferroviário Atlético Clube, fundado em 9 de maio de 1933, em Fortaleza*). Eu já tinha passado aqui e a cidade é uma coisa... Acho que Fortaleza, não é que eu more aqui há 40 e poucos anos, é acolhedora demais. Todo mundo aqui recebe bem...

João Victor – E você que vinha de um

A equipe de produção sugeriu a data da primeira entrevista, no que Dimas abriu a agenda e consultou o dia 22 de setembro, que, até ali, estava em branco. Com a entrevista marcada, a produção tinha três semanas para levantar as informações.

Foi um corre-corre. Ao todo, foram feitas três pré-entrevistas: com o funcionário do Ceará e autor de uma biografia sobre Dimas, Alberto Damasceno; com a atual esposa, Vânia Maria Chaves Vieira, e com o jornalista Tom Barros.

A entrevista com Alberto Damasceno aconteceu no Ceará Sporting Club. Ele detalhou alguns aspectos da obra "Dimas: O Guerreiro Alvinegro", que estava na gráfica a ponto de ser impressa.

futebol digamos, de elite, nacionalmente, o que achou do futebol cearense?

Dimas – Rapaz, o futebol, tanto da elite quanto daqui, na época, você tinha jogadores que jogavam muito. Gildo (*Fernandes de Oliveira. Ex-atacante*), Luciano Oliveira (*Ex-meiocampista*), Victor (*Epanor Victor da Costa Filho. Ex-meiocampista*), que veio de lá também, do Botafogo, emprestado aqui. Eram jogadores que aproveitaram a oportunidade e conseguiram fazer nome aqui dentro do Estado. Acho que antigamente você tinha jogadores com mais competência, porque só aqueles que tinham capacidade e competência podiam ter condição de sobressair. Na minha época, existiam poucos jogadores de fora aqui. Dois, três jogadores (*de fora*) preenchiam o time do Ceará e do Fortaleza, pra você ter ideia de como tinham bons jogadores aqui.

Mariana – Dimas, você chegou aqui pra passar três meses. Como é que você foi ficando?

Dimas – Eu sempre digo pra todo mundo na brincadeira que lugar bom é onde você ganha dinheiro. Se você ganha dinheiro aqui e o local é bom, então você fica. Eu sempre digo isso porque é verdade. Você hoje trabalha aqui, é jornalista. Se te oferecerem o dobro, você vai, porque é uma oportunidade de procurar outras coisas.

Mariana – Você chegou a sentir saudade do Rio de Janeiro? Teve alguma vontade de voltar?

Dimas – Aí que eu digo a você: eu sempre fui uma pessoa que sempre senti saudade. Como eu vivia num mundo-cão onde você tem de se sobressair de qualquer maneira, onde você é a pessoa responsável por sustentar a sua família, você não pode escolher o local. Aquele dinheiro que você está ganhando, está sustentando aquelas pessoas que confiam em você, que dependem de você.

João Victor – Dimas, como foi a sua saída do Fortaleza pra entrar no Ceará?

Dimas – Eu gostaria até de não dizer nome de algumas pessoas. Existe uma pessoa que trabalhava num jornal aqui, que comandava o Fortaleza. Estava pra terminar meu contrato, em novembro, nós estávamos em outubro. Ele me chamou lá no (*jornal*) *O Povo*, reuniu o pessoal. Ele me disse: "Dimas, nós queremos ficar contigo e vamos fazer um contrato unilateral". "Contrato unilateral?". Ele falou: "É obrigado. Você tem de assinar o contrato, porque é unilateral". "Unilateral? Eu não entendo essa história". Ele estava lidando com uma pessoa que era vice-presidente da Fugap (*Fundação Garantia do Atleta Profissional*), e que tinha um

conhecimento muito grande das coisas. Eu falei pra ele o seguinte: "Ó, o senhor deve estar enganado. Sabe por quê? Eu estou acostumado a defender tudo que é jogador lá na Fugap, de contrato, de rescisão e nunca vi isso não!". "Não, mas aqui todos os contratos são iguais". "O senhor pode estar pensando que o senhor está lidando com qualquer um. O senhor está lidando com uma pessoa que tem uma certa condição financeira, que não precisa disso pra trabalhar, uma pessoa esclarecida, certo?". "O que é que você quer dizer com isso?". "Eu quero dizer que o senhor não está lidando com qualquer um. O senhor quer que eu continue no Fortaleza? Vamos conversar aqui sobre o novo contrato. Agora, se o senhor quiser ir por esse lado aí, não tem negócio comigo". Ele falou: "Então tá. Então você pode sair que eu resolvo isso aí".

Ele avisou ao Castilho (*técnico do Fortaleza no período*) que me tirasse do time, que não queria renovar o contrato. Eu, como estava bem no Fortaleza, era o capitão e tomava conta do time, eu e o Castilho, então eu poderia ter ficado no Fortaleza, só que veio uma proposta impondo uma coisa que não era legal (*referindo-se ao contrato unilateral*). Aí o Castilho: "Ele é meu capitão e vai continuar até o final. Enquanto eu for treinador ele é meu capitão." Nesse ínterim, o Ceará me ofereceu o que eu ia pedir ao Fortaleza, me ofereceu dez vezes mais. Dez vezes mais porque eu era um ídolo no Fortaleza. Eu fiz o contrato com o Ceará e tô até hoje.

Pedro – Você foi desvalorizado pelo Fortaleza?

Dimas – Não é desvalorizado. Até lá no Fortaleza eu era valorizado. O nosso amigo (*referindo-se ao diretor do Fortaleza*), no comando da patrulha, achava que ia fazer um contrato comigo sem gastar, entendeu?

"Eu, através do futebol, consegui ajudar minha família todinha, não só me ajudar, mas ajudar a família, porque eu acho que o importante é a família".

A entrevista com Tom Barros ocorreu na redação da TV Diário, um dos locais onde o jornalista trabalha. O jornalista creditou Dimas como um técnico "intelligentíssimo", que já sofreu perseguições e injustiças dentro do Ceará SC.

E não era isso. Ele não estava lidando com qualquer um. Ele estava pensando que estava lidando com uma pessoa que precisava do futebol pra sobreviver. Eu preciso do futebol pra viver, pra sobreviver não.

Nayana – Você se sentiu ofendido?

Dimas – Eu me senti ofendido porque ele achava que o jogador de futebol, naquela época, não tinha instrução, não tinha conhecimento, não tinha nada e não é isso. Não é isso. Se ele tivesse chegado e conversado comigo direito, talvez eu tivesse lá *(no Fortaleza)* até hoje.

Ranniery – Depois de um ano e três meses no Fortaleza, você guarda alguma lembrança mais afetiva do Fortaleza, apesar de ele ser o maior rival...

Dimas – *(interrompendo)* Eu acho que eu tenho de agradecer ao Fortaleza. Eu sempre tenho dito aos torcedores do Ceará que, graças ao Fortaleza, eu vim pro Ceará, senão não viria nunca. Não me transformaria numa pessoa, hoje, dentro do Ceará que tem uma história. Foi o Fortaleza quem descobriu.

Raiana – E por que você resolveu se filiar a outro time?

Dimas – Eu vim aqui como um profissional. Isso não nasce da noite pro dia. Você não gosta da sua namorada da noite pro dia. Tem algumas coisas que vão fazendo que você vá gostando, depois casa... Então foi um casamento que teve namoro, noivado...

Ranniery – Nos 97 anos que o Ceará tem, você já está aqui há 39, vai fazer 40. O que o fez passar tanto tempo no Ceará? Como

surgiu essa paixão pelo time?

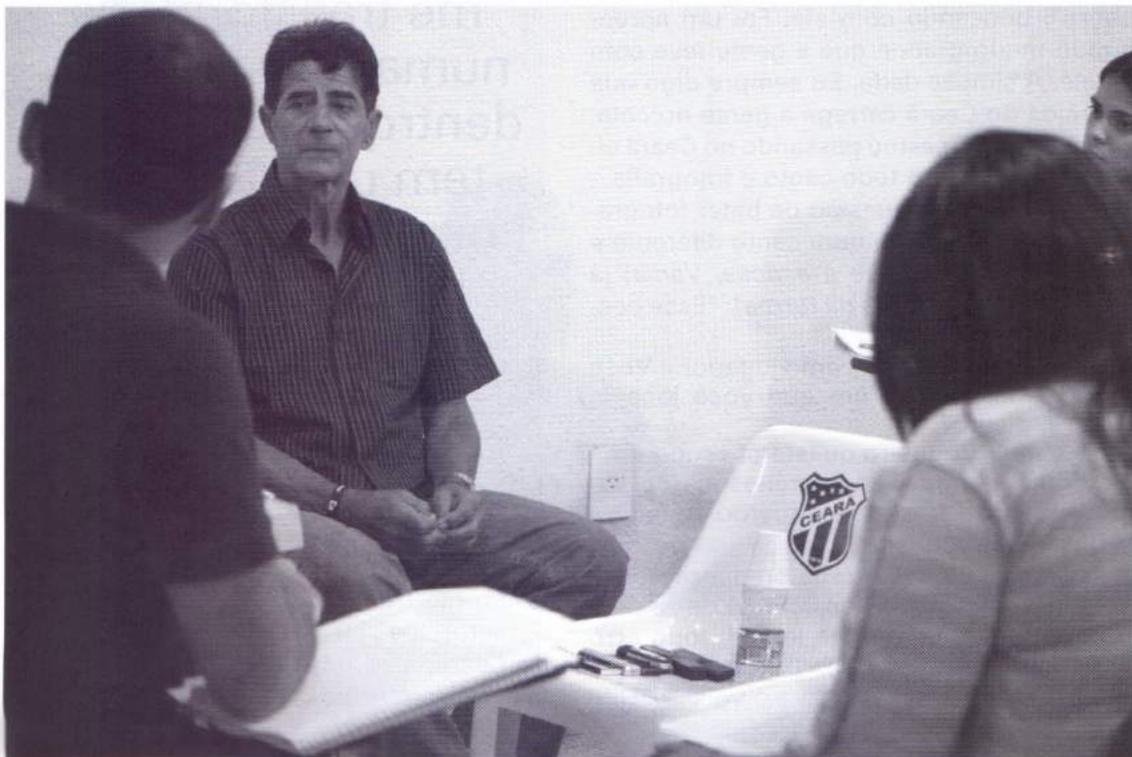
Dimas – Foi uma coisa que surgiu da vivência, do que se passou. E eu digo uma coisa a vocês: eu tenho o Ceará como um filho mais velho mesmo. E um filho mais velho você não abandona nunca. Se, por acaso tiver de precisar e precisar de alguma coisa que eu puder ajudar, eu vou ter de ajudar.

Raiana – Por que você acha que isso aconteceu? Por que pelo Ceará e não pelo Botafogo?

Dimas – Eu estou aqui há 40 anos. Não são 40 dias. No Botafogo eu fiquei 12 anos, vindo das categorias de base.

Mariana – Como foi reencontrar o Pelé, aqui no Ceará, num jogo tão importante? *(no dia 3 de novembro de 1972, Santos e Ceará jogaram em Fortaleza. A partida marcou o jogo de número 1000 de Pelé com a camisa santista. Na ocasião, Dimas já era*

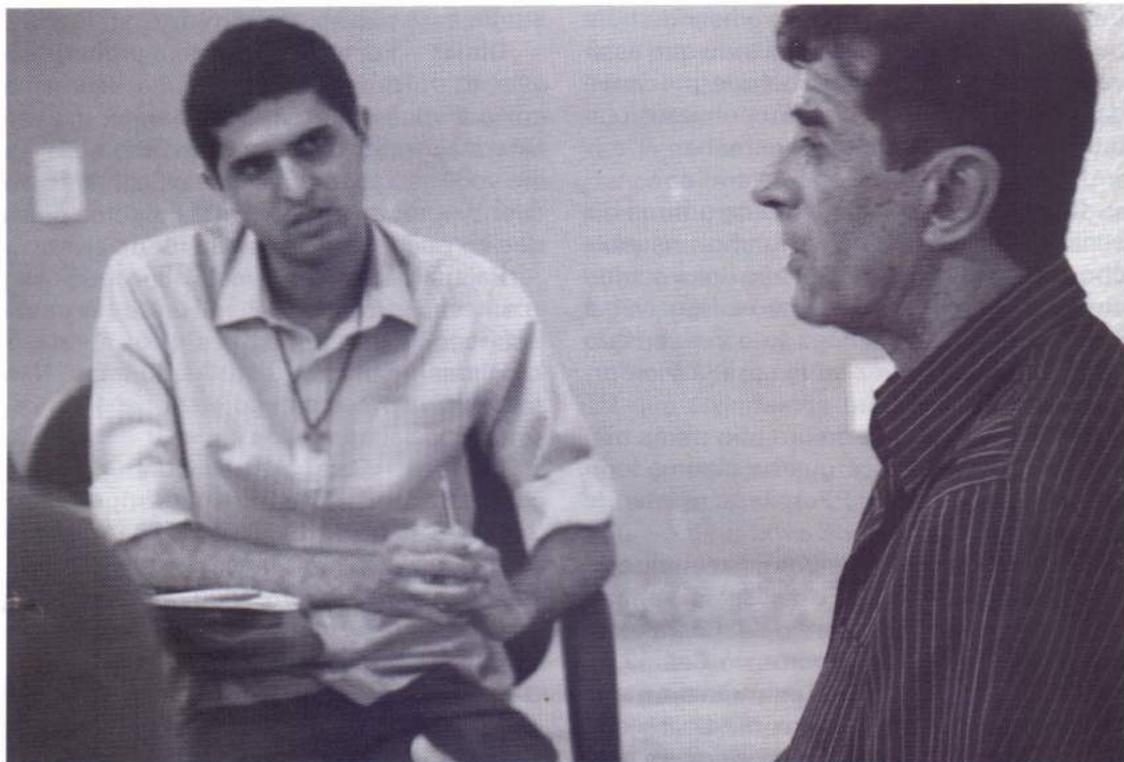
“A gente tem de saber o momento de sair. Já tinha saído todo mundo do Botafogo, e eu tive a oportunidade de ganhar mais dinheiro aqui”.



Vânia recebeu a produção na própria casa dela e de Dimas. O ex-jogador sabia que a esposa ia dar uma entrevista, mas ela não revelou para quem: “Ele quis saber com quem era, mas eu desconversei”.

Com Vânia, Dimas tem duas filhas: Vânia e Lia. Além delas, tem outros dois filhos mais velhos: Ney e Danielle. Em algumas das ocasiões em que foi técnico do Ceará, como em 2008 e 2010, ele deixou o cargo por causa da família.

Durante a entrevista, Vânia revelou que não gosta quando Dimas assume o Ceará como técnico. Ela contou um episódio em que uma das filhas ia brigando na escola por causa das provocações sofridas contra o pai.



titular do Ceará)

Dimas – Joguei contra ele aqui. E nós ganhamos o jogo!

Pedro – Fala um pouco pra gente sobre esse episódio.

Dimas – Eu já tinha ido ao hotel (ao antigo Hotel Savannah, na Praça do Ferreira, no centro de Fortaleza). Depois que ele veio pra cá, eu fui no hotel falar com ele e tudo. Ele falou: “Mosca, não só eu, mas como você, nós já estamos na descendente (da carreira)”. Eu falei: “É, é verdade, mas você ficou rico e eu pobre”, brincando com ele. Foi um aprendizado muito grande que a gente teve com o Pelé. A simplicidade. Eu sempre digo que a torcida do Ceará carrega a gente no colo. Este ano que eu estou passando no Ceará eu nunca vi igual. Em todo canto é fotografia... Torcedor hoje faz questão de bater fotografia comigo. Eu já vou num canto diferente e a mulher (referindo-se à esposa, Vânia) já fica com ciúmes (risos da turma). “Esse pessoal não para, né?”.

Igor – Mas o Dimas como jogador... Você gostava da posição em que você jogava, como zagueiro?

Nayana – Zagueiro ou lateral-esquerdo...

Dimas – Joguei de lateral-esquerdo, de zagueiro. Eu fui lateral-esquerdo primeiro, depois eu fui zagueiro.

Nayana – E qual era sua predileção?

Dimas – A melhor (posição) é de zagueiro. Quando você joga na lateral, todo erro todo mundo vê. Agora, por dentro, tem sempre alguém, tem sempre o volante. Difícil mais, né?

No Ceará SC, Dimas já ocupou todos os cargos administrativos possíveis, menos o de presidente do Clube. Como treinador, Dimas é conhecido por assumir o time em momentos difíceis, sempre que outro técnico deixa o comando.

“Eu sempre tenho dito aos torcedores do Ceará que, graças ao Fortaleza, eu vim pro Ceará, senão não viria nunca. Não me transformaria numa pessoa, hoje, dentro do Ceará que tem uma história. Foi o Fortaleza quem descobriu”.

Roberta – Dimas, o que significou a figura do Ivonísio Mosca (de Carvalho. Técnico, supervisor e diretor de futebol do Ceará nos anos 1970) pra você?

Dimas – O Ivonísio foi uma das pessoas que armaram tudo pra eu vir pro Ceará. Quem me trouxe pra cá (para o Ceará) foi o doutor José Luís Teixeira, que era diretor do Ceará, e se dava (bem) também com o falecido (referindo-se ao Ivonísio). Ele achava (o Ivonísio) que a minha presença podia

ofuscar a presença dele. Eu, como jogador, eu senti que ele passou a me pressionar. Falava ao treinador pra não (me) botar (em campo). Eu nem esquentava minha cabeça. Fazia o meu trabalho. Depois de um ano, quando ele começou a ficar doente, eu fazia o seguinte: "Seu Ivonísio, o senhor tem de ir ao médico hoje?". "Tenho, Dimas. Tenho de arranjar um táxi". "Pode deixar que eu levo o senhor". Eu passei a levá-lo porque eu queria tê-lo como meu amigo. Era uma pessoa que eu sabia da competência dele. E aprendi com ele muita coisa. Ele me passava tudo. Começou a ter uma amizade de irmão. Eu levava ele, ele morava lá depois da (avenida) Bezerra de Menezes (em Fortaleza), longe... Eu levava sempre ele, pra lá e pra cá. Eu jogador ainda. Depois ele fez questão de me trazer pra perto dele, porque eu tinha um conhecimento muito grande no Sul. Com um telefonema meu, resolvia coisa pra ele. Ele sentiu que ali tinha um amigo.

Juliana – Como foi o processo de parar de ser jogador?

Dimas – É importante quando você sabe que não dá mais pra correr atrás dela, né? Atrás da bola. Isso é fundamental pra todo jogador. Porque se você parar mal, você vai deixar uma imagem horrível. Se você parar bem... No caso agora (referindo-se ao período em que treinou o Ceará, em 2010), eu deixei o Ceará, como treinador, na (Copa) Sul-Americana (Campeonato internacional organizado pela Confederação Sul-Americana de Futebol). Então, hoje, todo mundo

só fala do Dimas. "Ah, e o treinador?" "Tem de botar o Dimas". E não é o caso, porque eu já falei até pro Evandro (Leitão, presidente do Ceará) que eu não quero mais saber de ir pra borda do campo, porque eu quase morro na vez passada e eu não quero morrer ali não. Ali é uma cadeira elétrica.

Juliana – O que é que mudou na sua rotina? Você parou de ser jogador, passou a ser treinador...

Dimas – Eu comecei a trabalhar aqui na supervisão, ajudando o falecido (Ivonísio Mosca). Depois que ele faleceu, eu tomei conta da supervisão. De repente, faltou o treinador. "Dimas, tu pode desempenhar o papel aí?". Eu fui. Fui uma vez, gostaram. Fui a outra, comecei a ganhar. Porque tem de ganhar! Se não ganhar... Comecei a ganhar. Com isso eu ganhei vários títulos como treinador, coloquei o Ceará em duas competições internacionais, na (copa) Conmebol (competição organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol, entre 1992 e 1999. O Ceará se classificou para a Copa de 1995 após ser vice-campeão da Copa do Brasil de 1994) e na (Copa) Sul-Americana (o Ceará se classificou para a competição de 2011 após terminar o Campeonato Brasileiro da Série A, de 2010, na 12ª colocação). Evitei que o Ceará caísse pra terceira (divisão), quando eu comandeie na segunda (divisão). Ajudei a evitar. É o termo que a gente deve usar.

Igor – Hoje em dia, você considera que o Dimas era melhor como jogador ou o Dimas

A menos de duas semanas para a entrevista com Dimas, no dia 11 de setembro, o então técnico do Ceará, Vagner Mancini, deixou o cargo depois de uma sequência ruim de resultados.



A produção ficou afilada com a possibilidade de Dimas assumir interinamente o time do Ceará – mais uma vez. Caso isso acontecesse, a possibilidade de a entrevista ser adiada, ou desmarcada, era grande.

De repente, todos os componentes da turma, até aqueles que não gostam de futebol, interessaram-se pelo mercado de técnicos. Todos os dias, as notícias eram acompanhadas para saber quem seria o novo treinador do Ceará. O escolhido não foi Dimas.

hoje é melhor como treinador, supervisor...

Dimas – Eu digo que eu sou melhor como treinador e como supervisor pela vivência que eu tive antes: primeiro como jogador. Como jogador você tem uma vivência grande e aprende a lidar com o jogador. Isso é fundamental, você saber lidar com o jogador. Você tem de ter passado como jogador pra tirar proveito disso. Normalmente você que nunca foi jogador acha que lidar com jogador é fácil. Não é fácil. Jogador de time grande, como o Ceará, não é fácil de lidar.

Raiana – Dimas, você falou sobre essa coisa da relação difícil, às vezes, com os jogadores. E como é essa relação?

Dimas – Primeiro que eu faço o jogador perceber que ali tem um amigo. Não é um diretor, é uma pessoa que quer ajudar. Eu sempre procuro ajudar.

Juliana – Mas você foi inspirado por algum treinador, algum jogador?

Dimas – Não. A vantagem de você ter

"Foi uma coisa que surgiu da vivência, do que se passou. E eu digo uma coisa a vocês: eu tenho o Ceará como um filho mais velho mesmo".

passado em uma faculdade e ter estudado psicologia é que ensina a lidar com as pessoas. Eu não mando, eu peço. Eu sempre digo: se você xingar uma pessoa, você xinga a pessoa de uma maneira que ela vai rindo. De outra maneira, ela quer te dar um tiro. Saber lidar com o ser humano é uma das virtudes que eu guardo pra mim. E eu tô aqui hoje dando essa entrevista pra vocês por saber lidar com as pessoas. Quem é a Mariana? (*procura a Mariana, da equipe de produção da entrevista*). Mariana ligou, e eu marquei na minha agenda uma entrevista pra ser dada, já tinha separado o local e *tudinho*. A tua importância é nisso aí, não é chegar e "não, não posso não". As pessoas têm de saber lidar com os momentos, porque a vida é feita de momentos, não se engane.

Roberta – Dimas, você já assumiu vários cargos no Ceará...

Dimas – (*interrompendo*) Eu já fui até o vice-presidente...

Roberta – Ah, e você não tem vontade de ser o presidente?

Dimas – Não, não. (*risos da turma*) Eu acho que, num time de futebol, quem sofre mais é o presidente e o treinador. É! Só cai em cima dessas duas pessoas.

João Victor – Alberto Damasceno disse que, em alguns momentos de crise do Ceará, há uns 20 anos, apesar de você não ter sido, oficialmente, presidente, você atuava, na prática, como tal. Como foram essas experiências?

Dimas – Você sabe que há alguns problemas que só se resolvem de uma maneira. Só se resolve de uma maneira. E tem hora que faltava aqui, e eu chegava junto. O Ceará não me deve nada, nada, nada, mas nos momentos difíceis que eles precisaram, eu sempre ajudei. E você sabe que o futebol sempre vive momentos difíceis.

Mariana – Dimas, você falou que os dois piores cargos, dentro de um time, são o de treinador e o de presidente. Se você já encarou ser técnico tantas vezes, por que não encararia ser presidente?

Dimas – Eu acho que todos nós somos incompetentes para alguma coisa. Então, eu não me vejo competente pra dirigir o Ceará. Antes, talvez, até pudesse, mas hoje o Ceará é grande. O Ceará, hoje, se transformou de um time para um clube grande.

Raiana – Mas você deixaria de ganhar, se fosse presidente?

Dimas – Não, mas não é problema de ganhar. O problema de ganhar está em segundo plano. É a questão só de competência mesmo. Eu não me sinto competente pra dirigir o Ceará.

Ranniery – Dimas, pra você, o que é um bom técnico? Qual o segredo de um bom técnico?

Dimas – Eu sempre digo que um bom treinador depende dos detalhes. Igual ao (*cantor e compositor capixaba*) Roberto Carlos: os detalhes. Então eu sou um treinador que sou detalhista. Um treinador de fora repete aqui 10 vezes um pênalti, eu tenho de repetir 20. Por quê? Porque quanto mais se repete, mais se aprende. A naturalidade faz com que você consiga chegar aonde você nem espera.

O treinador de fora, ele vem aqui, perde duas, três e vai embora, não tem problema. O treinador da terra sofre a família, sofre o neto, sofre a mulher, todo mundo sofre. Então, é mais um motivo pra você ser detalhista e se aperfeiçoar mais. Eu vou sempre no melhor, sempre fazendo o melhor. Ele tem de ser atuante. Atuante, que eu digo, é estar

A entrevista aconteceu na Sala de Imprensa do Ceará, local escolhido pelo próprio Dimas. Como o clube é bastante próximo da Universidade, o professor Ronaldo sugeriu que todos fizessem o trajeto, juntos, a pé. Inicialmente, a turma concordou.

sempre perto, como eu. Eu vivi sete meses e meio (*como técnico, em 2010*) e só vivia futebol. Eu chegava em casa e a minha preocupação era em saber dos jogos do time que eu ia jogar, os jogos que foram gravados... Passava duas, três horas vendo, analisando. Então, ele tem de ser um profissional mesmo, pra ele conseguir alguma coisa. Porque, num time pequeno, você não tem pressão não, mas aqui, num time de massa, a pressão é muito grande. E você só sai dessa pressão se você começar a tratar todos os detalhes de tudo.

João Victor – Na hora das partidas, pra muitas pessoas, você é tachado como um técnico retranqueiro. Você se considera assim? Você acha isso uma vantagem?

Dimas – Tem um ditado que diz “quem quer muito, traz de casa”. No ano passado (2010), nós tivemos dez empates em 18 partidas. Dez empates, quatro vitórias e quatro derrotas. Eu somei 22 pontos. E eu tirei o time do rebaixamento. Veja bem: se você vai jogar contra um time que tem mais qualidade, e você tem de reconhecer isso, que seu time, às vezes, tem a qualidade limitada, você tem de estar preparado pra isso. Aí você faz o seguinte: você espera, porque futebol é espaço. Primeiro é espaço, segundo é espaço, terceiro é espaço. Você atrai eles pra cima de você e usa o espaço que eles deixam nas costas deles pra usar o contra-golpe. E conseguimos chegar aonde chegamos, na (*Copa*) Sul-Americana (*de 2011*).

Aí dizem: “O Dimas é retranqueiro”. O Dimas não é retranqueiro não, o Dimas só usa aquilo que tem de usar. Eu tenho de ter um objetivo pra ganhar. O que eu ganho aqui? Se eu for lá, se eu for me arriscar, eu posso perder o jogo, então eu não me arrisco. Quem tem de se arriscar são eles, eles que têm de vir pra cima de mim. Porque futebol, no (*Campeonato*) Brasileiro, é ponto. Tanto dentro, como fora (*de casa*), você tem de ganhar ponto. Você pode conseguir os três (*pontos, com a vitória*), mas um ponto você tem de levar pra casa (*com o empate*). É questão só de matemática.

Roberta – Qual foi o seu melhor momento como técnico do Ceará?

Dimas – Esses sete meses e meio (*em 2010*). Como treinador em relação à afeição do torcedor comigo. Eu já fui vice-campeão da Copa do Brasil, eu ajudei a ganhar vários campeonatos, como treinador, mas, agora, a afeição do torcedor comigo foi muito grande porque eu tive um destaque muito grande no Brasil todo.

Mariana – E pra você, o futebol é matemática ou é paixão? Tem de ser calculado ou tem de ser jogado com as emoções à flor

da pele?

Dimas – Tem de ser calculado. Por isso existe o planejamento de jogo. Tudo é planejado, nada é feito por acaso.

Juliana – Dimas, o Ceará foi vice-campeão da Copa do Brasil em 1994. Foi o melhor momento ou foi a maior frustração?

Dimas – Pra mim, foi uma frustração. Pro Ceará, não. O Ceará nunca tinha conseguido uma coisa dessas, né? Mas eu achava que nós tínhamos condição de ir mais longe, e não fomos porque o Godoy (*Oscar Roberto Godoy, árbitro da partida final, contra o Grêmio, para quem o Ceará perdeu por 1 a zero*) prejudicou a gente mesmo. O Godoy nos prejudicou totalmente. Ali foi carta marcada, e não tem nem jeito de dizer nada.

João Victor – Mas hoje, olhando um pouco mais de fora desse episódio que aconteceu, você não percebe que foi um episódio muito bom para o Ceará?

Dimas – Do Ceará, foi. Mas pra mim foi

“É importante quando você sabe que não dá mais pra correr atrás dela, né? Atrás da bola. Isso é fundamental pra todo jogador”.

uma frustração, porque eu queria ser campeão.

Mariana – Como você se sentiu naquele momento?

Dimas – Eu ia tomar algumas atitudes que eu não tomei na hora, graças a meu bom Deus, porque eu ia voar pra cima dele, e não fui. Alguém me segurou, e eu tive mais tranquilidade. Mas você já pensou: você está com tudo certo pra ser campeão e ser tomado assim?

Ranniery – Dimas, antes desse jogo, você disse, em entrevista, a seguinte frase: “Nós vamos para uma guerra, nós não vamos para um jogo, nós vamos para uma guerra. Uma guerra onde o futebol cearense vai ter o seu destaque, se Deus quiser, se nós conseguirmos trazer esse caneco pra cá, a CBF vai começar a olhar com outros olhos pro futebol cearense”. Você é conhecido como o Guerreiro Alvinegro. Quando

No dia da entrevista, Igor, Pedro e Gleydson, responsável pelas fotos, foram de carro. Roberta foi sozinha de ônibus. O resto da turma manteve a ideia original de ir a pé.

Quando a turma chegou, Dimas já estava no local. A Sala de Imprensa já havia sido arrumada pelo próprio entrevistado. A entrevista demorou um pouco para começar porque Roberta se perdeu no trajeto para o Ceará.

Roberta foi a última a chegar porque confundiu as entradas do Ceará SC. Quando finalmente conseguiu entrar no clube, demorou a achar a Sala de Imprensa.

se perde uma guerra como essa, o que passa pela cabeça?

Dimas – O meu momento de frustração não foi pelo trabalho que nós executamos. Os jogadores, a diretoria, todos fizeram o trabalho certo. Você ficaria chateado se, por acaso, você fosse o responsável por aquilo que estava acontecendo. Não foi. Pelo contrário: você fez que aquilo acontecesse, e não aconteceu porque o juiz não deixou. Então, isso dá uma certa tranquilidade a nós que fazemos o Ceará, mas, por outro lado, pra nós, que vivemos muito tempo no futebol, levar o Ceará a um vice-campeonato já era muita coisa, imagine levar para um campeonato! E ser roubado com todo mundo vendendo, o Brasil todo vendendo, tá louco...

João Victor – Eu queria retomar um ponto: hoje você diz que sai e é assediado pela torcida do Ceará, mas, em alguns momentos você chegou a ser vaiado em campo. O que passa pela cabeça do treinador nessa hora?

Dimas – É o que eu digo a você: eu já estou preparado pra isso. Eu vou ali e eu sei que eu posso ser vaiado e eu posso ser elogiado. Você não vai esperar que tudo saia certo e que a torcida vá lhe carregar no colo não. Pelo contrário, você tem de estar preparado, senão, não assuma. E eu, cobra criada nesse ponto, não esquentava não.

Raiana – Na entrevista às Páginas Azuis do (*jornal*) *O Povo*, você falou que nunca foi tão reconhecido como é agora. Então, como era antes?

Dimas – Oportunidades desse reconhecimento eu tive pelo que eu fiz. Eu não sei se é porque houve uma divulgação muito grande em torno do meu nome, em todo canto que eu chego é impressionante. Isso, pra mim, é gratificante. Tem certas coisas na vida da gente, que massageiam o ego da gente, que não é o dinheiro.

Mariana – E quando a situação é o contrário? Quando é aquela pressão forte, como é para o Dimas?

Dimas – Eu sou do mesmo jeito. Eu sou uma pessoa que, se o camarada vem me agredir, é diferente, mas se ele vem falar e discutir tudo, por isso, por aquilo, eu trato ele bem. Eu mudo ele totalmente. Eu vou falando, falando, dou logo razão a ele, ele já

fica logo satisfeito...

Roberta – Dimas, a última vez que você assumiu o Ceará foi num momento delicado...

Dimas – Sempre foi num momento delicado. Nunca foi num momento bom.

Roberta – Algumas pessoas falam que te colocam na frente da equipe nesses momentos para prejudicá-lo. Acha que isso acontece?

Dimas – Não, não. Eu acho que eles me colocam achando que eu posso resolver o problema, como eu venho resolvendo. Nunca pra prejudicar, pelo contrário. Eles sempre deixam que eu decida. E, se eu vou, é pra ajudar o Ceará, e sempre foi esse o meu sentido.

Igor – Dimas, como é que você se sente sendo chamado pra ser técnico do Ceará só em segundo plano?

Dimas – Eu acho que ser treinador do Ceará já é um prestígio muito grande. É um prestígio grande porque você comanda, e o torcedor vai analisar o seu trabalho, e isso aí é como um desafio. Eu já estou acostumado com isso. A questão de você se acostumar... “Ah, Dimas, amanhã você vai dirigir o Ceará”. Tudo bem, pra mim é normal. Vou fazer o trabalho que eu estou acostumado a fazer e que deu certo.

Igor – Você gosta, então, de estar como técnico do Ceará?

Dimas – Gosto não. A única profissão que eu não gosto dentro do Ceará é ser treinador.

Igor – Por quê?

Dimas – Porque não. Eu, particularmente, me dedico demais. É como eu digo a você: eu tenho como um filho mais velho, então eu faço aquilo cuidando de todos os detalhes, então eu sofro muito com isso. Eu emagreço, eu não como, eu não almoço... Em dia de jogo, eu só lancho e mais nada. Vou emagrecendo...

Raiana – Você falou na entrevista às Páginas Azuis do (*jornal*) *O Povo* que “tem certas coisas que doem. Tem hora que você é relegado a terceiro, segundo plano e sabe que pode ajudar”. Eu queria perguntar o que doeu, o que dói em estar no Ceará e que momentos foram esses em que você foi

Antes das primeiras perguntas, Dimas disse que havia sido chamado pra acompanhar um jogo do Ceará em São Paulo no mesmo período da entrevista, mas recusou: “eu disse que era por causa da construção de 12 casas, mas era por causa da entrevista”.

“Saber lidar com o ser humano é uma das virtudes que eu guardo pra mim. E eu tô aqui hoje dando essa entrevista pra vocês por saber lidar com as pessoas”.



Sabendo que nem todos na turma acompanham futebol, a produção tentou esclarecer na pauta alguns termos ligados ao esporte. Mesmo assim, no dia da entrevista, Ranniery tinha algumas dúvidas, como: "O que é categoria de base?".

relegado a esse segundo, terceiro plano?

Dimas – Num clube onde você vive normalmente com a função de resultados, tem momentos em que você está bem e tem momentos que você não está bem. Às vezes, tem relações que você faz com um e com outro você não se dá bem. São coisas que você tem de aprender a conviver. Às vezes, dói quando, por acaso, você é relegado a segundo plano, você não é chamado para discutir algumas coisas, mas eu estou acostumado. Eu sempre digo o seguinte: engolir sapo é fácil, difícil é conviver com o sapo.

João Victor – Nas pré-entrevistas, tanto o (*jornalista*) Tom Barros quanto a Vânia (*esposa do Dimas*) citaram o fato de que, há dois anos, você teria chegado aqui no Ceará e teria sido impedido de entrar no clube. Por que isso aconteceu?

Dimas – Não, não foi nem no clube, foi no vestiário. Foi uma pessoa que trabalhava aqui. Eu estava fazendo um trabalho na base, então quase não estava vindo aqui. E tinham proibido de eu andar por esses lados (*do vestiário*) e eu disse que não, só se o presidente me proibisse. Eu sou uma pessoa que tem muito tempo de Ceará, não vou deixar de andar por esse lado. Posso não entrar no vestiário, porque o treinador tem sua particularidade, falar com os jogadores, mas andar desse lado aqui, não. No vestiário eu deixei de ir, porque se o treinador não tem afinidade contigo, não tem sentido você ir lá.

Juliana – Você tem mágoas?

Dimas – Tenho nada não. Quando você gosta de um time, você olha para o time, não para as pessoas. O que for bom pro time é bom pra você. Se aquela pessoa não é boa pra você, mas é boa pro time, você tem de conviver com ela.

Roberta – Você acha que já sofreu injustiça ou perseguição aqui dentro do clube?

Dimas – Já, isso aí é fato. Tem momentos na vida em que você passa por aquilo e se submete àquilo porque gosta do clube. Em outros momentos, você tem vontade de deixar, largar...

Mariana – E por que você sofria essa injustiça, essa perseguição?

Dimas – Isso é porque tem algumas pessoas que acham que você está se metendo em coisas que não deve se meter, e está conversando coisas que não deve conversar... E, às vezes, se o time não ganha, podem achar que você é culpado porque está andando ali. Sempre a transferência de responsabilidade vai existir.

Pedro – Você quer citar algum nome?

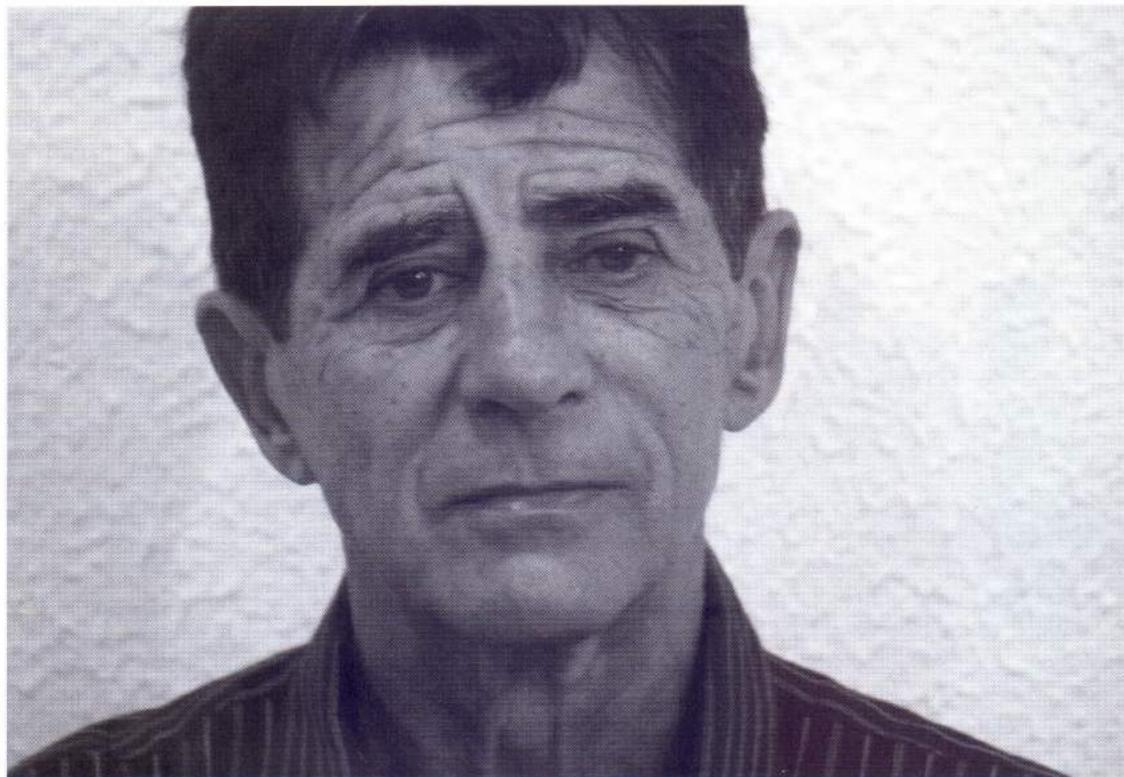
Dimas – Não, acho que as coisas que eu passei e que eu possa vir a passar dependem só de mim. O Ceará é muito grande pra gente ficar se preocupando com pessoas que, às vezes, não dão valor àquilo que você faz ou que você fez.

João Victor – Quando você não é o treinador, mesmo com toda essa experiência, qual é a sua relação com o time? Você acha que você se mete?

Dimas – Não, não. Eles me dão até liber-

Ao fim da entrevista, Roberta puxou uma camisa do Ceará, que ela disse ser do irmão, e pediu para Dimas autografá-la. O ex-jogador atendeu prontamente.

No caminho de volta, a turma decidiu não repetir o trajeto a pé. As 11 pessoas se dividiram nos carros do Pedro e do Igor para voltar à Universidade Federal do Ceará.



dade, porque eu trabalho aqui como coordenador, e posso ter um acesso direto, mas eu evito, também. Porque cada treinador tem a sua particularidade pra comandar seu time. E o Dimas, aqui, é tido como um treinador, não como coordenador.

Juliana – Quando você foi diagnosticado com câncer de próstata, como foi parar de cuidar do Ceará pra cuidar de si mesmo?

Dimas – Foi bom você lembrar isso. Sabe o que aconteceu? Eu estava marcado pra fazer uma operação e eu tinha que me interinar às onze horas da noite. Eu cheguei às três horas da manhã, que eu tinha ido com o time pra Itapipoca (*município da região norte do Ceará, distante 130 km da capital, Fortaleza*), jogar lá. Acabou à noite, e fui direto para o hospital. É o Ceará sempre na frente. Eu fui tomar conta contra o Itapipoca lá em cima, voltei 23h 30min e cheguei três horas da manhã, já pra me preparar pra ser operado.

Juliana – E no tempo de descanso, mesmo assim, o senhor ainda se preocupava com o Ceará? Ficou quanto tempo afastado?

Dimas – Afastado de quê? Nada! Foi só uma semana (*risos da turma*). Não teve isso não.

Juliana – E a sua esposa não reclamava?

Dimas – Ora, se reclamava! (*risos de todos*) E, no final das coisas, é o que eu digo a vocês: tem certas coisas que, às vezes, a gente atropela e discute, mas não adianta, no final, elas têm sempre razão. É, tem sempre razão. Quando existe alguma injustiça contra mim, ela fala: “Eu não disse a você? Esse teu

filho mais velho tá aí!”.

Ranniery – Como é que a sua esposa e a sua família acompanham o futebol?

Dimas – Juntos. Tudo lá é Ceará.

Nayana – E qual a importância deles? Você declarou às Páginas Azuis que você já sofreu muita pressão da sua família e que, algumas vezes...

Dimas – Você queira ou não queira, quando é treinador do Ceará, e é da terra, sofre todo mundo. Sofre a mulher, sofrem os filhos... Isso é uma coisa que, por mais que queira mudar, não muda, porque as pessoas que gostam da gente não gostam que ninguém fale mal da gente.

Ranniery – Mas você prioriza o Ceará em relação à sua família?

Dimas – Eu já priorizei. Agora, que a mulher falou, eu dei uma segurada.

Raiana – Sua mulher, na entrevista que ela cedeu à equipe de produção, ao Pedro e à Mariana, ela ressalta isso, em vários momentos. De que em alguns momentos você já colocou o Ceará acima da família...

Dimas – (*interrompendo*) Quem falou isso aí?

Todos – A Vânia.

Dimas – Ah, foi? E quando foi isso?

Mariana – Semana passada.

Dimas – Ah, logo vi! (*risos da turma*)

Raiana – A minha pergunta é se você acha que, de fato, já colocou o Ceará acima da família e como se dá essa relação.

Dimas – Veja bem: a esposa, quando ela é preterida por outra coisa, ela acha isso (*risos da turma*).

Na hora de escrever os perfis, algumas dificuldades apareceram: Ranniery, por exemplo, pediu socorro à equipe de produção para saber como atua um lateral-esquerdo. E mais: perguntou se jogadores dessa posição podem fazer gol.

João Victor – Quando é, então, que a família é colocada à frente do Ceará? Teve casos que você pode falar?

Dimas – Eu disse pra família, agora, que não vou mais tomar conta do Ceará como treinador. Não vou ser mais treinador. Eu disse pra elas, e elas estão acreditando (*risos de todos*). Ela me vê muito em cima de estatísticas, eu faço estatísticas pra ver o Ceará, como é que vai, como é que não vai. E ela fala: “Eu não sei por que, rapaz, você faz essas estatísticas. Você não quer ser treinador, não quer ser nada”. Eu falo pra ela que eu tenho de passar pra eles, mais ou menos, o que eu penso. “Mas você tá com muita preocupação com isso”.

João Victor – E pras filhas, como é ter o pai treinador e ex-treinador do Ceará?

Dimas – Elas sofrem muito no colégio quando eu sou treinador. Todo mundo sabe quem sou eu, né? Quando o time não ganha elas devem sofrer muita especulação, muito falatório. Ganhou, tudo bem. Não ganhou, treinador e presidente são quem sofre.

Mariana – Quando você é técnico, há uma influência da sua mulher, que é torcedora?

Dimas – Tem discussão. Quando acabavam os jogos, quando eu saía, depois das entrevistas, e ela falava: “Por que você não colocou fulano, por que não colocou cicrano? Você ouviu a torcida e não fez nada?”. Eu falo “Tá bom, tá bom...”. Ela discute e eu fico no carro calado.

Raiana – Dimas, houve um momento em que você declarou que não ia ser treinador do Ceará por conta da pressão da sua família. O que a sua família estava passando, a ponto de pedir pra você que não fosse treinador?

Dimas – Nós, que fazemos as coisas pelo Ceará, não temos a sensibilidade que eles têm. A minha mulher, filhos, eles têm uma sensibilidade de sentir o torcedor mais perto que eu. Porque elas estão na escola, e todo mundo sabe que é a minha esposa que vai buscar as crianças na escola, e tem sempre piada, isso tudo. Eu fico longe disso, então,

eles sofrem muito mais que eu. E eles falaram: “Papai, você tem de se preocupar também com a gente, não é pra se preocupar só com o Ceará”. É aí que eles acham que eu coloco a minha família em segundo plano, que eu me preocupo mais com o Ceará que com a própria família.

Juliana – E hoje, você acha que encontrou um equilíbrio entre a sua família e o Ceará?

Dimas – Se eu não for treinador, eu tenho um equilíbrio total (*risos da turma*). Mas eu já falei pra ela, que não vou ser mais, e eu não vou ser mais não. Está na hora de eu me aposentar dessa parte. Já dei o que tinha que dar, já fiz o que podia fazer. Posso ajudar em outras coisas, mas treinador...

João Victor – E se o Ceará precisar de você?

Dimas – O Ceará hoje tem condições de trazer treinadores caros, e tudo. Eu sou uma pessoa que vai por amor à pátria, né? Isso aí é difícil encontrar.

Igor – E com os seus amigos? A maioria dos seus amigos é do Ceará ou torcem pra outro time?

Dimas – Três anos atrás, eu tinha um amigo que era Fortaleza. E, quando a gente se sentava à mesa, ele vinha falar sobre futebol. Ele puxava o assunto e eu falava “não, ninguém fala de futebol aqui. Aqui, de futebol, eu não falo”. E eu não falava, porque senão virava discussão. E discussão de graça, daqui a pouco você perde uma amizade. E eu sempre digo que amigo é dinheiro em caixa: só os amigos ajudam na hora que você precisa.

Juliana – E quem são os seus amigos aqui no Ceará?

Dimas – Tenho vários amigos. Se eu citar um ou dois o pessoal vai ficar com raiva de mim (*risos de todos*). São vários amigos aqui.

Igor – Sua relação com a diretoria do Ceará, então, é boa?

Dimas – É, total, total. Eu vivo com pessoas amigas. Isso é importante. E que reconhecem o valor da gente. Eles sabem que podem contar comigo pra ajudar. Não pra ser

A volta de Dimas ao cargo de técnico do Ceará pegou a turma de surpresa, depois de a entrevista ser editada e finalizada. Pedro, na lista de e-mails da turma, comentou: “Essa entrevista só vai acabar de vera quando a revista for pra impressão e não der mais pra mudar!”

“Eu acho que num time de futebol, quem sofre mais é o presidente e o treinador. É! Só cai em cima dessas duas pessoas”.

“O treinador da terra sofre a família, sofre o neto, sofre a mulher, todo mundo sofre. Então, é mais um motivo pra você ser detalhista e se aperfeiçoar mais”.

No dia 4 de dezembro de 2011, depois de uma derrota dramática para o Bahia, em Salvador, o Ceará, sob o comando de Dimas, foi rebaixado para a Série B do Campeonato Brasileiro. O placar foi de 2 a 1 para o time da casa, e o Vovô terminou o brasileiro no 18º lugar.

Apesar do rebaixamento, o Soldado Alvinho continuou como técnico e no dia 1º de fevereiro de 2012 completou 500 jogos à frente do Ceará. O recorde foi batido com uma goleada por 5 a 1 contra o Tiradentes no estádio Presidente Vargas.

treinador, mas pra ajudar.

Ranniery – Dimas, você disse que, no começo da sua carreira, você costumava frequentar centros espíritas com o Mané Garincha, com a Elza Soares. A religiosidade, na sua vida, no futebol, como é?

Dimas – Na minha casa (no Rio de Janeiro), pra você ter uma ideia, existia um terreiro. Minha casa era um terreiro. Minha mãe recebia os santos. E quem puxava os pontos pra sair os caboclos era eu.

Raiana – Como começou isso?

Dimas – Minha mãe recebia um pai de santo chamado Rompe Mato, aí eu fui, né?

Ranniery – Antes de entrar em campo, você tinha alguma superstição?

Dimas – Eu nasci em 13 de maio, né? Então sou apegado a isso. Direto, direto. Não entrava em campo lá no Rio, como jogador... Aqui mesmo como jogador eu botava (uma vela), e como treinador eu botava uma vela, porque nós levamos as imagens e colocamos no vestiário. Eu acho que, sem fé, você não vai a canto nenhum. Você tem de ter fé em alguma coisa. Você tem de acreditar em alguma coisa.

Mariana – Como é essa sua devoção a Nossa Senhora de Fátima?

Dimas – Surgiu daí. Se você for lá no meu apartamento, no meu quarto, você vai ver umas 40 (imagens de) Nossa Senhora de Fátima, num altar feito pra isso. Quando eu saio de manhã e quando eu volto, eu rezo.

Roberta – E como você passa essa fé para os jogadores?

Dimas – A fé que eu passo, veja bem... Tem gente que é crente, tem gente que é católica, tem gente que é espírita, mas todos têm fé numa coisa só, que é Deus. O Ceará não entra em campo sem antes ter três, quatro minutos de reza.

Raiana – E como foi essa sua passagem do espiritismo para o catolicismo?

Dimas – Surgiu com a Nossa Senhora de Fátima. Minha mãe, todo dia 13, me levava pra fazer a procissão. Aí foi surgindo.

Raiana – Havia um sincretismo?

Dimas – Isso. A minha mãe foi a responsável por isso.

Igor – Dimas, você acredita que, no futebol, fé e sorte contam também, ou é só técnica, matemática?

Dimas – Pra todo jogo, a sorte é fundamental. Você pode ser a pessoa mais competente do mundo, mas se não tiver um pingão de sorte, você não consegue chegar aonde você quer, alcançar seus objetivos. E a fé é que dá uma condição de você achar que está sendo protegido e que vai produzir aquilo que tem de produzir. Não só como treinador, não só como jogador, em tudo que você faz.

Quase 19 mil pessoas compareceram ao PV para homenagear Dimas pelo marco. O treinador recebeu uma placa comemorativa da diretoria do Ceará e outra da Federação Cearense de Futebol, que instituiu, naquele dia, o "troféu Dimas Filgueiras".

“Ah, Dimas, amanhã você vai dirigir o Ceará’. Tudo bem, pra mim é normal. Vou fazer o trabalho que eu estou acostumado a fazer e que deu certo”.

Tem de ter fé em alguma coisa pra conseguir alcançar os seus objetivos. Nada acontece por acaso na vida de ninguém.

Raiana – Qual a importância dessas práticas religiosas?

Dimas – Pra mim é fundamental. Tem sido. Na vida, tem horas que você tá por baixo, tem horas que você está por cima... E quando você está por baixo, você tem de ter alguém que proteja você, pra você saber que aquilo vai passar.

Mariana – Tem algum episódio, uma vitória, alguma ajuda que você tenha relacionado o futebol e atribuído a Nossa Senhora de Fátima?

Dimas – Você sabe que tudo que acontece de bom na minha vida eu acho que é através disso. Tudo que acontece, acontece porque eu sou protegido de Nossa Senhora de Fátima, por ter nascido no dia dela.

Igor – Dimas, desses quase 40 anos de Ceará, você já falou de vários bons momentos, mas qual foi o seu pior momento aqui no Ceará?

Dimas – Você sabe que o pior momento a gente não gosta nem de lembrar. Por isso é que eu faço questão de lembrar os bons momentos. Os bons momentos é que nos dão força pra nós continuarmos sendo quem nós somos. Se eu for falar de maus momentos, eu vou falar de alguma pessoa dentro do Ceará, que passou ou que continua aqui. E é bom lembrar coisa que é boa, né? As coisas que passaram de ruim servem como lição pra gente.

Mariana – Mas alguma vez houve algum mau momento que lhe deu vontade de desistir?

Dimas – É uma das coisas que eu passava para os jogadores: eu acho que o homem que desiste é um homem morto. Eu nunca desisti de nada na minha vida. De nada!

Pedro – Dimas, você se considera um ídolo do Ceará?

Dimas – Não. Eu sou uma pessoa que tem

um serviço prestado pelo Ceará e que hoje é reconhecido pela torcida. É um trabalho que eu faço, é um trabalho que eles sabem... Que nada você consegue vencer na vida se você não fizer por amor. Você tem de fazer por amor alguma coisa. O meu amor pelo Ceará faz com que eu faça as coisas bem feitas. É isso que eu acho: com amor você faz melhor que só fazer por fazer, ou fazer porque ganha mais.

João Victor – A Vânia disse que, principalmente, em algumas épocas de crise do Ceará, você chegou a tirar algumas coisas suas, do seu bolso, para dar pro Ceará. Hoje você acha que toda a sua doação pelo time é recompensada satisfatoriamente, em termos financeiros?

Dimas – O que eu faço pelo Ceará não é visando ao dinheiro. Nunca fiz nada pelo Ceará visando ao dinheiro. Eu acho que o dinheiro é importante, mas não é tudo na vida. O reconhecimento que eu estou vivendo hoje não tem dinheiro que pague.

Ranniery – Você tem alguma outra paixão, além do futebol?

Dimas – Tenho pelos meus filhos e pela minha esposa. A Vânia (*esposa*), a Vaninha, a Lia, a Daniele e o Ney. E tem os netos também. Tenho três netos.

Juliana – Algum deles pensa em seguir carreira no futebol?

Dimas – Não, porque ainda estão pequenos.

Mariana – E o seu filho?

Dimas – O meu filho, o Ney, ele pensava, mas ele estava jogando aqui no juvenil e machucou o nariz. E eu falei com ele: “Ó, Ney, vai tratar da sua faculdade”. Ele é um engenheiro hoje. “Deixa a bola só pro seu pai”. Na época ele ficou chateado. Pra você ter ideia de como ele era bom jogador, ele foi da seleção brasileira na Espanha, e em Portugal, acho, que ele foi representar o Brasil na Seleção Universitária. Duas vezes ele foi representando o Brasil lá, mas o pai já está nessa vida...

Pedro – Um dia os seus netos vão chegar ao momento de decidir qual carreira vão seguir, no futuro. Você os aconselharia a ser jogador ou treinador de futebol?

Dimas – Treinador não, mas jogador... Jogador ganha hoje o quê? Ganha coisa que, normalmente, vocês nem imaginam.

Raiana – Dimas, você é conhecido como o Guerreiro Alvinegro, e você mesmo se diz um soldado do time. Então, o que significa ser um soldado para um clube e o que significa assumir essa função que você mesmo se colocou?

Dimas – Não fui eu que falei não, foram os torcedores que falaram que eu era o Guerreiro Alvinegro, que era um Soldado Alvinegro.

O Soldado Alvinegro que estava lá à disposição, para o que precisasse, em qualquer função. Aqui, eu desempenho várias funções, estou sempre à disposição de trabalhar pelo clube. Eu achei bom me chamarem de soldado, de guerreiro, porque massageia o ego da gente saber que nós somos importantes pra torcida. Porque tudo que se faz aqui, tudo o que se faz no Ceará é pra agradar a torcida. Nada se faz aqui pra agradar ninguém, só agrada a torcida. Então, se o torcedor sente isso, a gente se sente recompensado pelo que tem feito pelo Ceará.

Igor – Dimas, como é que você analisa o futebol cearense hoje?

Dimas – O crescimento foi muito grande no futebol cearense. Pra você ter ideia, nós temos (*em 2011*) cinco equipes disputando cinco competições nacionais (*diferentes divisões do Campeonato Brasileiro*). Tem o Ceará na série A, tem o Fortaleza na série C, tem o Icasa na série B, o Guarany de Sobral na série C e o Guarani de Juazeiro na série D...

“Nunca fiz nada pelo Ceará visando ao dinheiro. Eu acho que o dinheiro é importante, mas não é tudo na vida. O reconhecimento que eu estou vivendo hoje não tem dinheiro que pague”.

Coisa que antes só existia Ceará e Fortaleza, e um pouco o Ferroviário, mas hoje não. Isso mostra o crescimento do futebol cearense. E temos um clube entre os 20 melhores do Brasil, que é o Ceará. Isso, pra nós que fazemos o futebol, é, por demais, importante pro nosso crescimento. Não é um crescimento só interno. Hoje, você abre a TV e tem o pessoal falando do Ceará, todo mundo comentando do Ceará.

Mariana – Depois de 39 anos, quase 40, aqui no time do Ceará, você faria tudo igual ou teria alguma coisa que você mudaria, se você pudesse?

Dimas – Tudo que eu fiz pra ajudar o Ce-

O técnico pediu demissão do cargo de técnico no dia 16 de fevereiro de 2012, um dia depois da nona rodada do Campeonato Cearense, quando o alvinegro derrotou o Itapipoca por 3 a 0 no PV. O treinador alegou motivos de ordem pessoal e voltou a comandar as categorias de base do Ceará.

Ao final de sua 40ª passagem pelo comando do Vovô, Dimas se retirou por tempo indefinido deixando o time no segundo lugar do Campeonato Cearense. O desejo de alcançar os 600 jogos à frente do time foi adiado para que ele se dedicasse mais à saúde.

O motivo alegado foi coerente com as expectativas de Vânia, mulher do Soldado Alvinegro. Ela contou, em pré-entrevista, que se preocupa muito com a saúde do marido quando ele assume o comando do time, pois o desgaste é muito grande.

rá eu faria do mesmo jeito. Se pudesse fazer mais, faria mais. Porque eu acho que o Ceará, como está na série A (*do Campeonato Brasileiro*), e teve um crescimento, o Ceará não é mais um time, é um clube, ele vai precisar, cada vez mais, crescer.

Mariana – E existe algum episódio que você acha que deveria ter feito mais?

Dimas – Sempre existe, né? Sempre existe um episódio que você poderia dar mais e não deu, mas o importante é que você procurou dar, naquele momento, aquilo que ele precisava.

Nayana – E, nesses quase 40 anos, foi mesmo paixão ou teve alguma vez que se tornou obsessão?

Dimas – Obsessão não, eu sou uma pessoa muito realista na minha vida. Eu sei o que eu quero, sei o que eu faço e por quem faço. Eu procuro fazer não só aquilo que me agrada e que me deixa satisfeito, mas aquilo que eu faço também deixe satisfeitas as pessoas pra quem eu faço. O Ceará reconhece isso. Então, não existe motivo de eu não deixar de fazer o melhor pelo Ceará.

Mariana – Você falou que, pra você, o Ceará é um filho. E pro Ceará, o que você é?

Dimas – Aí tem de perguntar ao Ceará, né? (*risos da turma*) Ao presidente do Ceará, às pessoas que fazem o Ceará, são elas que podem responder, mas eu acho que elas sabem dar o devido valor que eu mereço, e isso é muito importante dentro de uma agremiação.

Pedro – A gente pode encerrar com o futuro. Eu pergunto pra você: até quando? Até quando o Dimas no Ceará?

Dimas – Tem um ditado que diz que “o

futuro a Deus pertence”. Eu tenho 67 anos, não sei quando é que Deus vai me levar. Espero que ele me leve eu estando dentro do Ceará. A mulher (*Vânia*) falou: “Eu vou preparar sua bandeira” (*risos da turma*). As pessoas importantes falecem aqui e a gente bota uma bandeira. Eu falei: “Ah, se você botar, eu vou ficar satisfeito”. A gente vai fazendo o Ceará enquanto pode e enquanto eles quiserem que a gente faça, né? Porque você sabe que não depende só da gente, depende também da diretoria. Acho que eu vou morrer aqui mesmo, mas eu ainda vou demorar muito. Eu tenho sempre me baseado pelo meu pai: eu vou chegar aos 100 anos. Vou chegar, só pode ser. Se ele chegou aos 96 sem fazer nada, sem fazer meio por cento do que eu faço.

“Tem um ditado que diz que ‘o futuro a Deus pertence’. Eu tenho 67 anos, não sei quando é que Deus vai me levar. Espero que ele me leve eu estando dentro do Ceará”.

No dia 2 de novembro do mesmo ano, seriam completados 40 anos da chegada de Dimas ao time. Com 504 jogos à frente do time, ele se tornou o quinto técnico com maior número de jogos pelo mesmo time no Brasil.

